



Pesquisa de Vitimização e Medo no Município de Contagem - Minas Gerais

Abril de 2011

Equipe de Pesquisa

Coordenação Geral

Prof. Dr. Cláudio Chaves Beato Filho

Coordenação de Equipe

Luís Felipe Zilli

Coordenação do Projeto

Luís Felipe Zilli e Rodrigo Alisson Fernandes

Pesquisadores

Bráulio Figueiredo Alves da Silva

Diogo Alves Caminhas

Frederico Couto Marinho

Lívia Henriques de Oliveira

Mateus Rennó Santos

Robson Sávio Reis Souza

Vinícius Assis Couto

Estagiários

Aline Mourão

Cíntia Santana

Danilo Brasil Soares

Gabriela Gomes

Luiza Meira

Amostragem

Emilio Suyama

Rodrigo Alisson Fernandes

Sumário

I – APRESENTAÇÃO	3
II – METODOLOGIA	5
INSTRUMENTOS – QUESTIONÁRIOS	5
III – AMOSTRAGEM	8
A POPULAÇÃO ALVO E SUA ESTRATIFICAÇÃO	8
A SELEÇÃO DOS DOMICÍLIOS	8
A SELEÇÃO DO MORADOR A SER ENTREVISTADO	10
IV – CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	11
INFORMAÇÕES DEMOGRÁFICAS	11
V – A MEDIDA DO MEDO EM CONTAGEM	20
INDICADOR GERAL DE “MEDO”	21
VI – PADRÕES DE VITIMIZAÇÃO EM CONTAGEM.....	24
VITIMIZAÇÃO DE FURTO EM CONTAGEM	25
CARACTERIZAÇÃO DO FURTO	26
VITIMIZAÇÃO DE ROUBO EM CONTAGEM.....	28
CARACTERIZAÇÃO DO ROUBO	30
VITIMIZAÇÃO DE AGRESSÃO EM CONTAGEM	32
CARACTERIZAÇÃO DE AGRESSÃO FÍSICA	33
VII – PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA E CARACTERÍSTICAS DA VIZINHANÇA	35
PERCEPÇÃO DE SEGURANÇA NA VIZINHANÇA.....	35
CARACTERÍSTICAS DA VIZINHANÇA.....	38
VIII - ATUAÇÃO DAS POLÍCIAS NO MUNICÍPIO DE CONTAGEM.....	40
AVALIAÇÃO SOBRE A POLÍCIA MILITAR DE MINAS GERAIS – PMMG	40
VITIMIZAÇÃO POLICIAL	42
AVALIAÇÃO SOBRE A POLÍCIA CIVIL DE MINAS GERAIS – PCMG	43
VITIMIZAÇÃO POLICIAL	45
IX - CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS:.....	49

I – Apresentação

Os fenômenos da criminalidade e da violência nas grandes cidades têm adquirido posição central no debate público brasileiro. No entanto, conhecer suas principais características, bem como as dinâmicas geradoras destes fenômenos, não é tarefa das mais simples. Considerar exclusivamente os números oficiais de registros criminais, por exemplo, esconde a diversidade de eventos que constituem o problema da violência e seus impactos sobre as populações. Isso sem falar das muitas situações de violência e crime que sequer chegam a ser registradas por órgãos oficiais.

Deste modo, compreender o fenômeno da criminalidade implica em mais do que dimensionar o número de ocorrências. É de fundamental importância, tanto para a implementação de políticas de controle, quanto para estudos de natureza acadêmica, o acesso a informações que qualifiquem os números de ocorrências. É neste contexto que as pesquisas de vitimização constituem instrumentos-chave para todos os que se dedicam à compreensão desta questão.

Tentando preencher esta lacuna cognitiva, o Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP), órgão de pesquisa ligado à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), elaborou, especificamente para a cidade de Contagem, uma pesquisa de vitimização e medo. Fundamentado em sua vasta experiência na realização de investigações desta natureza (o CRISP já promoveu pesquisas semelhantes em Belo Horizonte, no ano de 2002; em Curitiba e Foz do Iguaçu, no ano de 2005; no Rio de Janeiro, no ano de 2006; na RMBH, no ano de 2006; e em Minas Gerais, nos anos de 2008 e 2009) o centro de estudos elaborou um estudo em profundidade sobre os problemas da vitimização criminal e da sensação de segurança, especificamente para o município de Contagem.

O presente documento apresenta as principais análises realizadas a partir de uma pesquisa realizada entre os meses de novembro de 2010 e fevereiro de 2011 na cidade de Contagem. Pesquisas de vitimização e medo são aquelas que procuram conhecer detalhadamente a frequência e a natureza da ocorrência de crimes, além de mensurar o impacto que a violência e criminalidade produzem no sentimento de segurança da população de determinadas localidades. Seu objetivo central está em obter informações sobre as vítimas, as circunstâncias de ocorrência dos crimes (hora e local de ocorrência, uso de armas, dentre outras informações), além de medir o impacto desses fatores sobre a sensação de insegurança dos cidadãos entrevistados.

Investigações desta natureza permitem ainda qualificar as estatísticas criminais produzidas pelos sistemas de justiça e polícia, proporcionar aos planeadores de políticas de segurança pública informações sobre a natureza e a extensão dos crimes e o que habitualmente leva as pessoas a reportarem crimes à polícia, além de avaliar a percepção do público a respeito da atuação do Estado numa área crucial para a consolidação de instituições democráticas: a da segurança pública. Além disto, o *survey* de vitimização e medo também possibilita maior cientificidade no planeamento de políticas públicas, na medida em que torna viável acesso a informações sobre a natureza e a extensão de crimes, bem como dos hábitos que levam as pessoas a reportarem crimes à polícia.

Estas informações podem ser valiosas no planeamento de estratégias para o combate à criminalidade violenta e para medidas de mensuração sobre as estratégias adotadas na prevenção da criminalidade. Conforme o perfil de violência detectada pelo *survey*, os agentes de segurança pública podem dirigir esforços através de campanhas educativas e do estímulo a denúncias de uma série de delitos que escapam ao seu registro. Os estudos de vitimização permitem, ainda, a comparação entre taxas de diferentes cidades ou áreas da mesma região metropolitana. Sua avaliação ao longo do tempo permite uma descrição precisa da evolução da criminalidade.

Finalmente, são de grande importância para pesquisadores acadêmicos, na medida em que disponibilizam variáveis pertinentes para a construção de modelos explicativos da ocorrência de crimes. Modelos de explicação do comportamento criminoso devem necessariamente incorporar as circunstâncias em que ocorrem os delitos, bem como informações acerca do relacionamento do criminoso com as vítimas, além das variáveis demográficas a respeito das vítimas e dos agressores.

Um dos aspectos mais importantes das pesquisas de vitimização e medo é a demonstração de que crimes não são aleatoriamente distribuídos ao longo da sociedade. Alguns subgrupos sociais são mais violentamente vitimados do que outros, de tal maneira que podemos identificar áreas, horários e pessoas com determinadas características demográficas como dimensões ambientais de maior ou menor risco de vitimização.

II – Metodologia

Instrumentos – Questionários

A coleta de informações ocorreu através da aplicação de formulários para entrevistas (questionários) realizadas junto a membros da população urbana de Contagem. O processo de construção desses formulários obedeceu a critérios internacionais de pesquisa. Seus objetivos foram mensurar, da maneira mais fidedigna possível, os eventos vivenciados e as percepções dos entrevistados, relacionadas à criminalidade, violência, características de suas comunidades, relacionamento com vizinhos, sistema de justiça criminal, hábitos, dentre outras questões.

Desta maneira, procurou-se levar em consideração tanto os eventos objetivos pelos quais os entrevistados, seus familiares, vizinhos ou amigos possam ter sido vítimas, quanto suas percepções acerca dos riscos de vitimização engendrados pelos ambientes nos quais transitam. Isso é importante pela suposição de que existe uma associação entre comportamentos individuais e eventos violentos em um determinado contexto. Em outras palavras, a ocorrência de crimes, bem como o conhecimento dos fatos relacionados à criminalidade, afeta o modo como os indivíduos lidam com o cotidiano, já que o medo da violência tem ou parece ter o poder de influenciar decisões, comportamentos e atitudes.

Finalmente, a coleta de informações ocorreu em referência a unidades temporais distintas. Em outras palavras, o que se procurou foi dimensionar eventos ocorridos em intervalos de 12 meses e 5 anos, qualificando aqueles mais recentes, de modo a evitar o falseamento das informações, possivelmente engendrado pelas limitações da memória. A listagem seguinte mostra quais as variáveis utilizadas para a mensuração de aspectos distintos dos temas abordados pela pesquisa.

Variáveis Individuais Demográficas e de Mobilidade Espacial

Sexo do entrevistado
Idade do entrevistado
Situação civil do entrevistado
Cor / raça do entrevistado

Variáveis de Escolarização e Trabalho

Escolaridade do entrevistado
O entrevistado possui atividade remunerada
Renda total da residência do entrevistado

Percepção de Medo

Com relação a medo de crime, mensuramos a percepção de medo para:

Ter sua residência invadida / arrombada
Ter objetos pessoais de valor tomados a força (roubo ou assalto)
Ter seu carro ou moto tomado de assalto / furtados
Se envolver em brigas / agressões físicas com outras pessoas
Morrer assassinado
Seqüestro e Seqüestro relâmpago
De ser vítima de agressão sexual (estupro)
Ser vítima de uma fraude e perder quantia significativa de dinheiro
Receber uma ligação de bandidos exigindo dinheiro
Ser vítima de violência por parte da Polícia Militar
Ser vítima de violência por parte da Polícia Civil

Características da Vizinhança e Risco Percebido

Com relação à atual situação de moradia, se pudesse escolher o entrevistado...
Quantidade de prédios, casas ou galpões abandonados na vizinhança do entrevistado
Quantidade de lixo ou entulho existente nas ruas e passeios da vizinhança do entrevistado
Quantidade de lotes vagos cheios de lixo e entulho ou com mato alto existentes na vizinhança do entrevistado
Com relação a circulação de desordeiros no seu bairro, como o entrevistado avalia a circulação de pessoas violentas e desordeiras no bairro

Sentimento de Segurança

Com relação à segurança, como o entrevistado se sente ao andar sozinho à noite nas ruas da sua vizinhança
Com relação à segurança, como o entrevistado se sente ao ficar sozinho à noite na sua residência

Eventos de Vitimização

Vevez em que, nos últimos cinco anos, o entrevistado foi furtado
Vevez em que, nos últimos 12 meses, o entrevistado foi furtado
Local de acontecimento do último furto
Reportou, ou não, o furto a polícia

Motivos de reportar o furto a polícia

Motivos de não reportar o furto a polícia

Veze em que, nos últimos cinco anos, o entrevistado foi roubado

Veze em que, nos últimos 12 meses, o entrevistado foi roubado

Local de acontecimento do último roubo

Reportou, ou não, o roubo a polícia

Motivos de reportar o roubo a polícia

Motivos de não reportar o furto a polícia

Veze em que, nos últimos cinco anos, o entrevistado foi agredido fisicamente

Veze em que, nos últimos 12 meses, o entrevistado foi agredido fisicamente

Local de acontecimento da última agressão física

Reportou, ou não, a agressão à polícia

Motivos de reportar a agressão à polícia

Motivos de não reportar a agressão à polícia

Opiniões sobre a Polícia Militar e Polícia Civil

Grau de confiança do entrevistado na atuação da PM

Grau de eficiência da PM na vizinhança do entrevistado para resolver problemas de violência

Veze em que o entrevistado ou outro morador da residência já foi vítima de violência física praticada por algum PM

Veze em que o entrevistado ou outro morador da residência já foi vítima de extorsão praticada por algum PM

Grau de confiança do entrevistado na atuação da PC

Grau de eficiência da PC na vizinhança do entrevistado para resolver problemas de violência

Veze em que o entrevistado ou outro morador da residência já foi vítima de violência física praticada por algum PC

Veze em que o entrevistado ou outro morador da residência já foi vítima de extorsão praticada por algum PC

III – Amostragem

A população alvo e sua estratificação

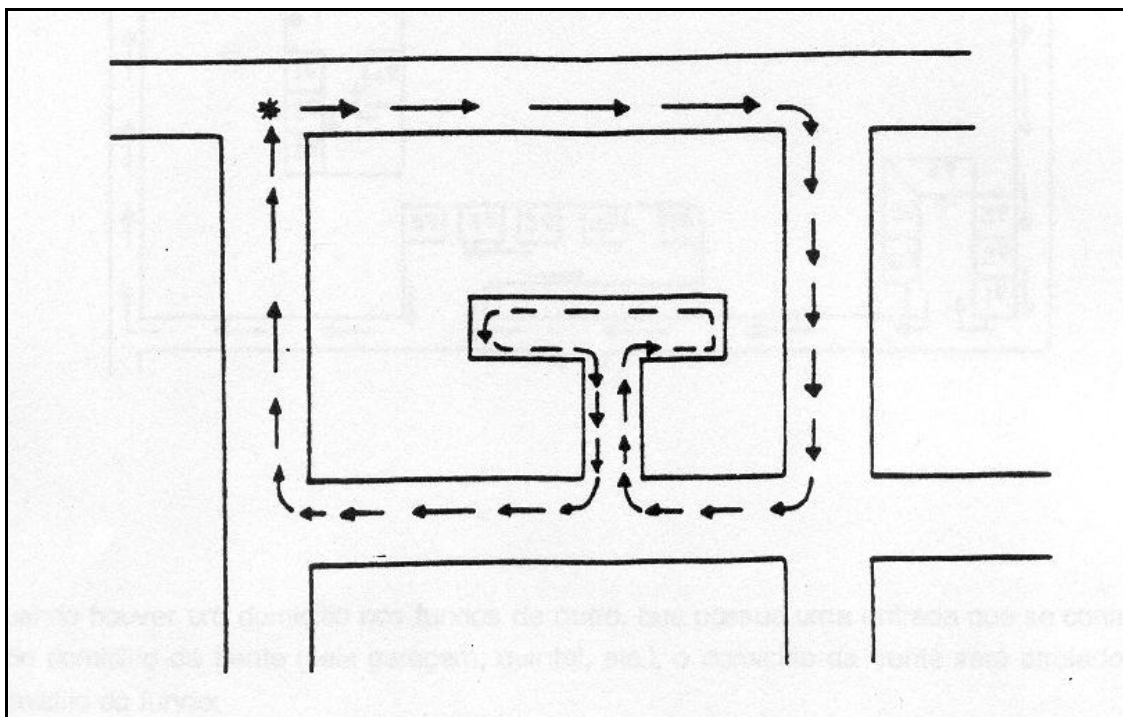
A população alvo deste estudo foi constituída pelos habitantes da área urbana da cidade de Contagem, Minas Gerais, com idade igual ou superior a 15 anos, residentes em setores censitários segundo classificação do IBGE. Os dados populacionais mais recentes e disponíveis sobre Contagem, coletados no ano 2000, mostram que a população do município é composta por 532.595 habitantes, com 15 anos ou mais de idade. Por isso, a alocação da amostra foi proporcional ao tamanho da população alvo, mantendo a probabilidade de seleção de uma pessoa constante e igual a 1/1513, ou seja, uma pessoa é entrevistada a cada 1513 pessoas na população. Optou-se por sortear 16 setores censitários distribuídos entre as 05 regiões administrativas do município. Nestes setores foram alocadas 22 entrevistas em cada setor.

Depois de selecionados e identificados os setores censitários a serem visitados, a escolha dos domicílios amostrados dentro de cada setor foi construída por amostragem sistemática. O intervalo de amostragem foi determinado com o auxílio dos dados sobre o número de domicílios da Contagem Populacional de 2000, sendo esse intervalo, portanto, variável de setor para setor.

A seleção dos domicílios

Os quarteirões que compõem o setor foram numerados e o ponto de partida da amostragem foi definido pelo sorteio do quarteirão inicial. Cada entrevistador recebeu um mapa com seu setor de trabalho que constava a quantidade de domicílios a ser visitado, bem como o pulo de residências que esse entrevistador teria que realizar.

O percurso para a localização das residências no quarteirão seguiu um sentido horário. A partir da primeira residência identificada no quarteirão (selecionada com antecedência) deveu-se iniciar a contagem dos domicílios com pulo fixo. Não incluindo na contagem domicílios vazios, comércios, instituições públicas e lotes vagos. Quando o ponto de partida não era uma residência (e sim comércio, instituição pública ou social, lote vago etc...) a próxima residência foi contada como a primeira, como ilustra o desenho a seguir.



Indicou-se observar:

Para quarteirões típicos em base residencial composto de casas ou barracões:

1. Cada casa onde mora uma ou mais famílias é uma residência
2. Se o quarteirão for de prédios de apartamentos, o entrevistador deverá identificar cada apartamento como uma residência a partir do térreo ou do subsolo e proceder como acima.
3. Se o quarteirão for composto de casas de um pavimento mais prédios comerciais, os prédios comerciais que não tiverem famílias residentes no subsolo ou no segundo pavimento serão excluídos da contagem.
4. Se o quarteirão for composto de casas ou barracões e prédios de apartamentos, o entrevistador prosseguirá contando casas e apartamentos, considerando sempre que cada casa em que mora uma família é uma residência e que cada apartamento é uma residência.

OBS: Só foram realizadas entrevistas em residências casas ou apartamentos realmente habitados. Se não houvesse ninguém habitando a casa (por ex. imóvel a ser alugado, imóvel fechado, abandonado etc.), ela não poderia ser considerada ou contada. Para obter tal informação, o entrevistador perguntou em prédios, na portaria ou ao síndico, nas casas, nos vizinhos ou a quem souber.

Para aglomerados subnormais (favelas) o entrevistador seguiu as mesmas instruções, além de aspectos específicos para estas áreas, tais como:

1. Se a favela ou a parte sorteada tiver ruas com nomes (dados pelos moradores) e número, o entrevistador deverá contar as casas e barracos como o fez em outros lugares e realizar a entrevista, obedecendo ao número de intervalo entre as residências.
2. Se as ruas, ou becos não tiverem nomes e as casas não tiverem números, o entrevistador deverá obedecer às instruções do chefe de campo daquele lugar.

OBS: em hipótese alguma o entrevistador entrevistou duas casas contíguas. Em hipótese alguma a entrevista na favela foi realizada apenas na rua externa. Apenas no caso da favela ser formada por um conjunto de casas ao longo de um eixo, que o entrevistador poderia entrevistar só na rua externa, pois, neste caso, não haveria ruas internas.

A seleção do morador a ser entrevistado

O objetivo foi coletar informações precisas através do uso de questionários e de outros instrumentos que estejam de acordo com as práticas de realização de uma entrevista. Para atingir este objetivo, é necessário conhecer os aspectos básicos sobre os instrumentos de survey e como utilizá-los. A seleção da entrevista é um instrumento importante para manter a representatividade da amostra aleatória.

Nesse sentido, foram determinadas cotas de entrevistas para cada setor censitário amostrado nesses estratos, segundo o sexo e faixa etária do respondente (de 15 a 19 anos, de 20 a 24 anos, de 25 a 34 anos, de 35 a 49 anos e maiores de 50 anos). A quantidade de entrevistados em cada uma das dez categorias é proporcional aos valores populacionais da Contagem Populacional de 2000.

Os entrevistadores seguiram a amostragem sistemática dos domicílios até completarem a quantidade de entrevistas estabelecida para seu setor de trabalho em cada uma das categorias de sexo e faixa etária. Em média foram realizadas três voltas nos setores censitários sorteados para realização das entrevistas contemplando as cotas determinadas para a área.

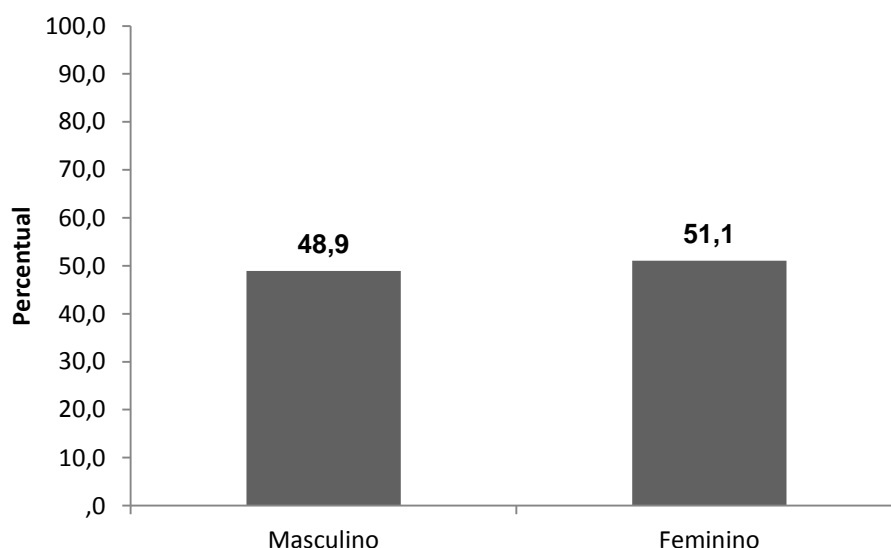
IV – Caracterização dos Entrevistados

Informações Demográficas

As descrições a seguir procuram caracterizar o entrevistado sob o ponto de vista de variáveis consideradas importantes para a compreensão de como as pessoas lidam e conceituam a violência. Desta forma, serão apresentadas as principais características sócio-demográficas de todos os entrevistados pela pesquisa de vitimização em Contagem. Além disso, separarmos apenas as respostas demográficas que apresentaram algum padrão de distribuição, segundo a ocorrência de algum evento de vitimização, como furto, roubo e agressão física, nos últimos cinco anos. São estas as variáveis: sexo, idade, estado civil, escolaridade e raça.

O gráfico a seguir mostra a distribuição da população entrevistada por gênero, com um padrão similar àquele encontrado para a população brasileira de um modo geral. Assim, há uma pequena preponderância do sexo feminino, representado por 51,1% dos entrevistados.

Gráfico 01 - Distribuição dos Entrevistados por Sexo – Contagem, 2010

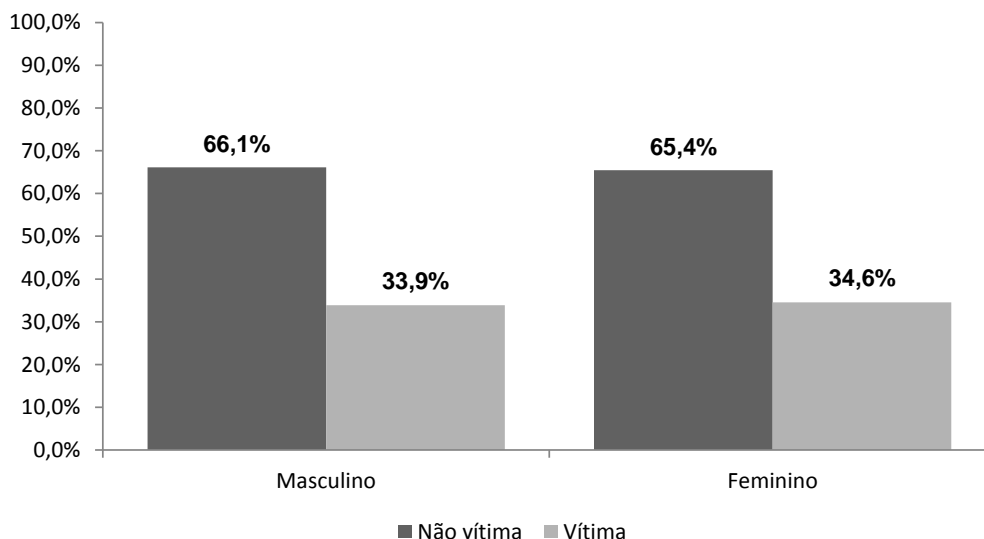


Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

A proporção de entrevistados vítimas da ocorrência de crimes como furto, roubo e agressão nos cinco anos que antecederam a pesquisa é ligeiramente maior entre mulheres do que entre homens. Assim, 34,6% das mulheres entrevistadas foram vítimas

dos crimes mencionados no período de referência. Já, entre os homens, este percentual corresponde a 33,9%.

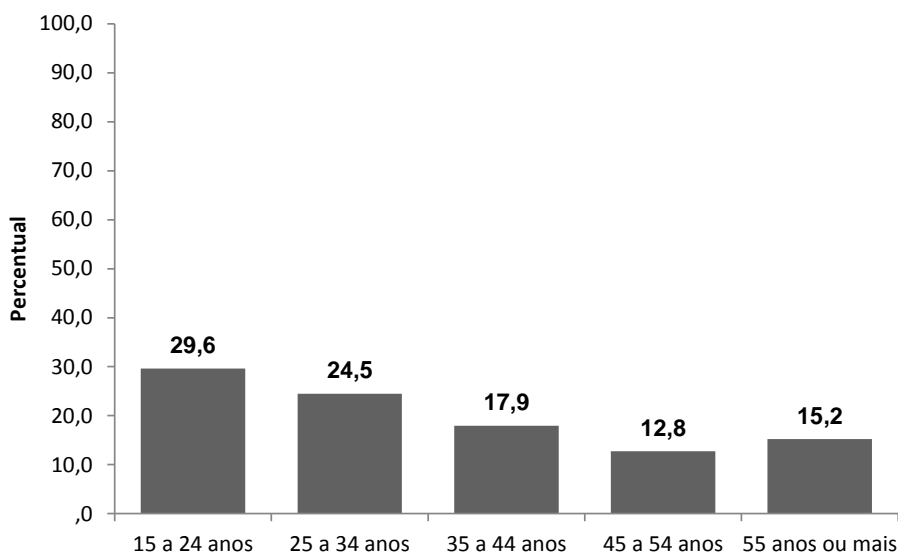
Gráfico 02– Distribuição dos Entrevistados por Sexo, Segundo Vítimas e Não Vítimas de Crimes (Furto, Roubo e Agressão) nos Últimos Cinco Anos – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N Masculino = 180
N Feminino = 188

Pouco mais do que a metade da população entrevistada em Contagem se concentra na faixa etária entre 15 e 34 anos de idade. O percentual da população acima de 55 anos de idade se mostrou alto, mais de 15% da população entrevistada possuía idades superior a 55 anos.

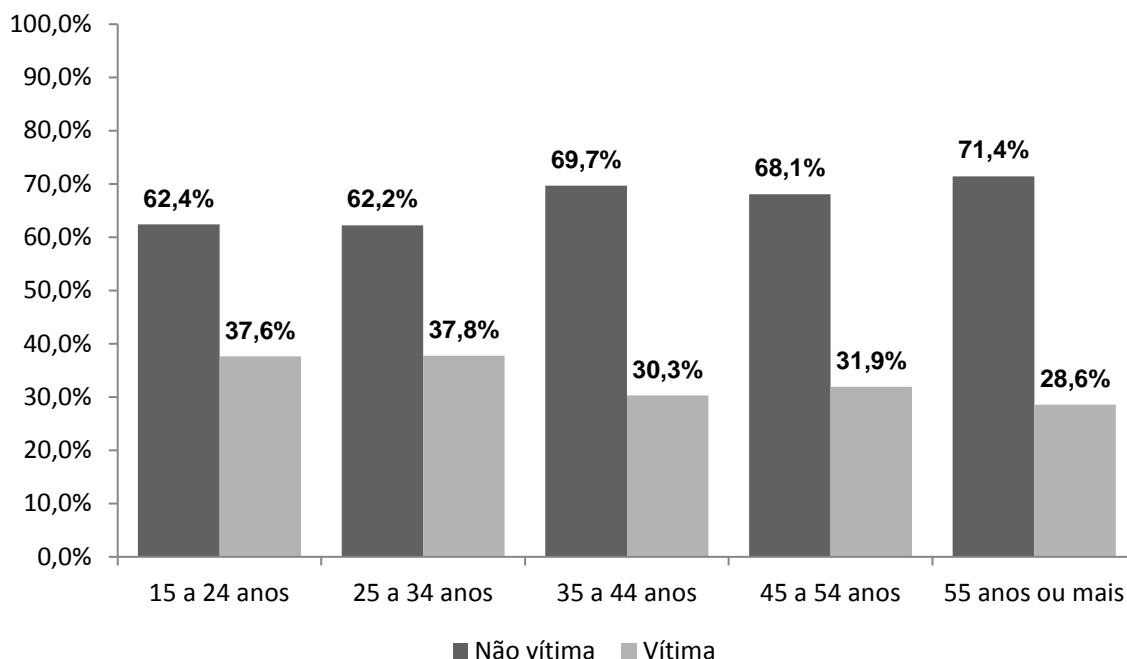
Gráfico 03 – Distribuição dos Entrevistados por Faixa Etária – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

A proporção de indivíduos vítima dos crimes abordados pela pesquisa nos últimos cinco anos decresce conforme há um avanço nas faixas de idade consideradas. Deste modo, se entre os entrevistados com idades entre 15 e 24 anos, o percentual de vítimas corresponde a 37,6%, entre os entrevistados com idades superiores a 55 anos esse percentual corresponde a 28,6%, como mostra o gráfico seguinte.

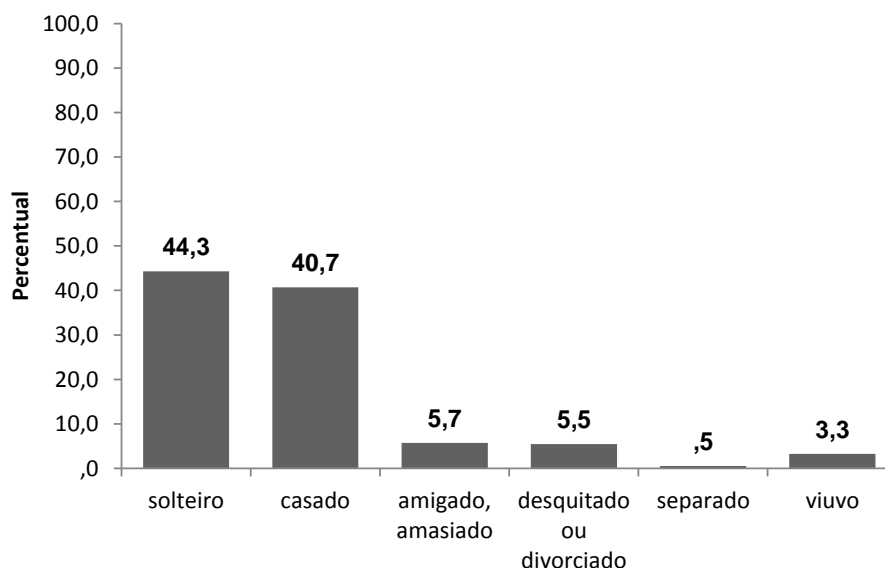
Gráfico 04 – Distribuição dos Entrevistados por Faixa de Idade, Segundo Vítimas e Não Vítimas de Crimes (Furto, Roubo e Agressão) nos Últimos Cinco Anos – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Um percentual importante da população entrevistada em Contagem é composto por solteiros. Em outras palavras, mais de 44,3% dos entrevistados se declararam solteiros, enquanto 40,7% estavam casados. Outras situações civis, como união consensual, divórcio e separação correspondem a percentuais inferiores a 6%. Esses percentuais complementam as informações relacionadas à composição etária da amostra, uma vez que eles identificam que os homens são mais vitimados que as mulheres, que as pessoas entre 15 e 24 anos são mais vitimadas que as de outras faixas etárias e que os solteiros são mais vitimados que os casados e viúvos. Tal perfil de vitimização pode ser explicado pelos hábitos rotineiros desses indivíduos, considerados como de maior exposição ao risco.

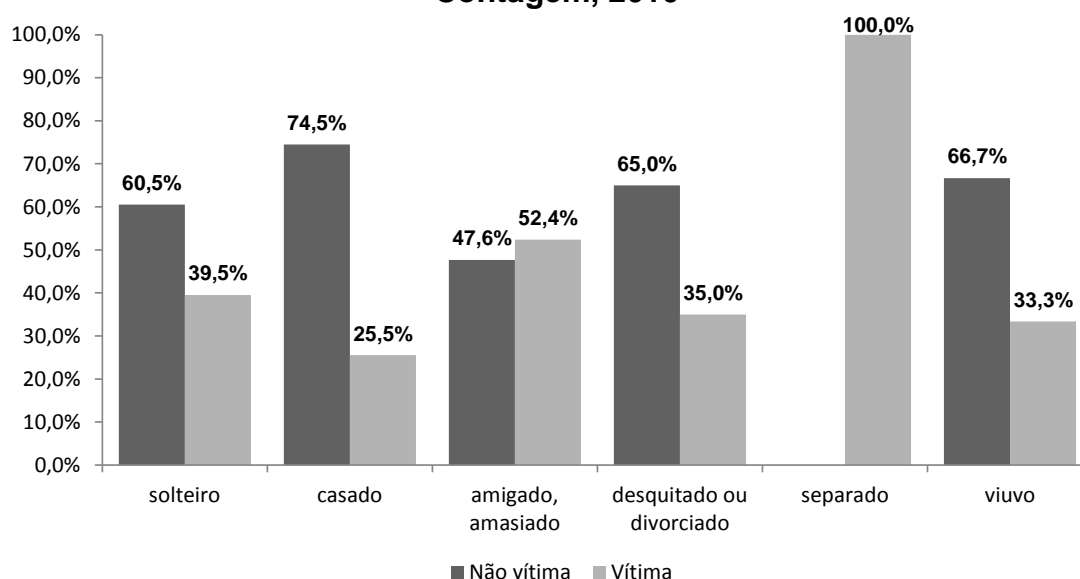
Gráfico 05 – Distribuição dos Entrevistados por Situação Civil – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

O percentual de vítimas de crimes nos últimos anos entre os solteiros é maior do que aquele encontrado entre os indivíduos casados, ainda que, no interior de cada estrato de situação civil, a proporção de não vítimas seja superior à proporção de vítimas. Assim, entre os entrevistados solteiros, 39,5% dos indivíduos foram vítimas de pelo menos um dos crimes considerados (Furto, Roubo e Agressão), nos últimos cinco anos. Entre os casados, esse percentual corresponde a 25,5%.

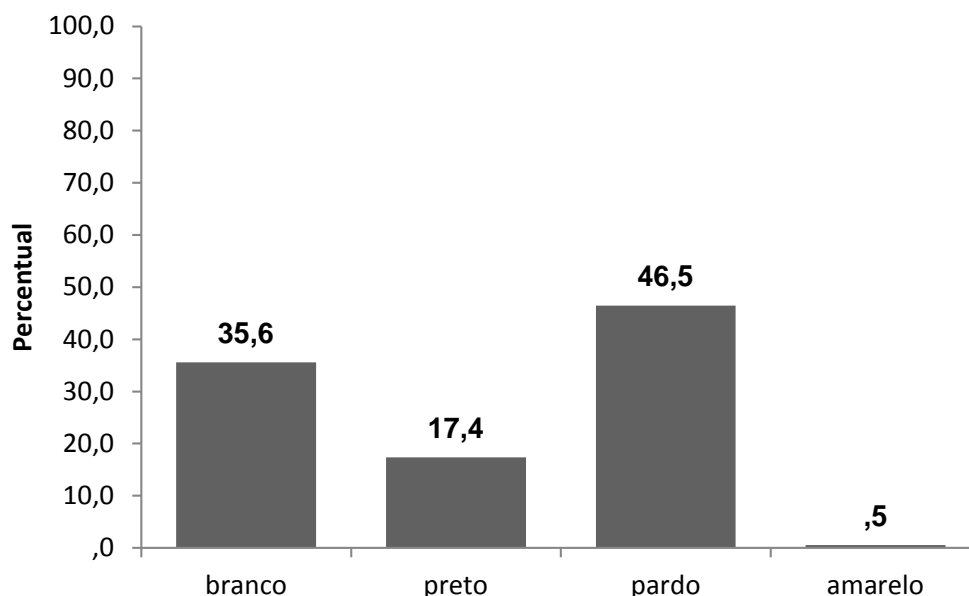
Gráfico 06 – Distribuição dos Entrevistados por Situação Civil, Segundo Vítimas e Não Vítimas de Crimes (Furto, Roubo e Agressão) nos Últimos Cinco Anos– Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

A maior parte da população entrevistada se autodeclarou como parda, cujo percentual correspondente a 46,5% dos casos, como mostra a tabela seguinte. Apenas 17,4% da população se identificou como preta e 35,6% como branca.

Gráfico 07– Distribuição dos Entrevistados de acordo com a Raça/Cor

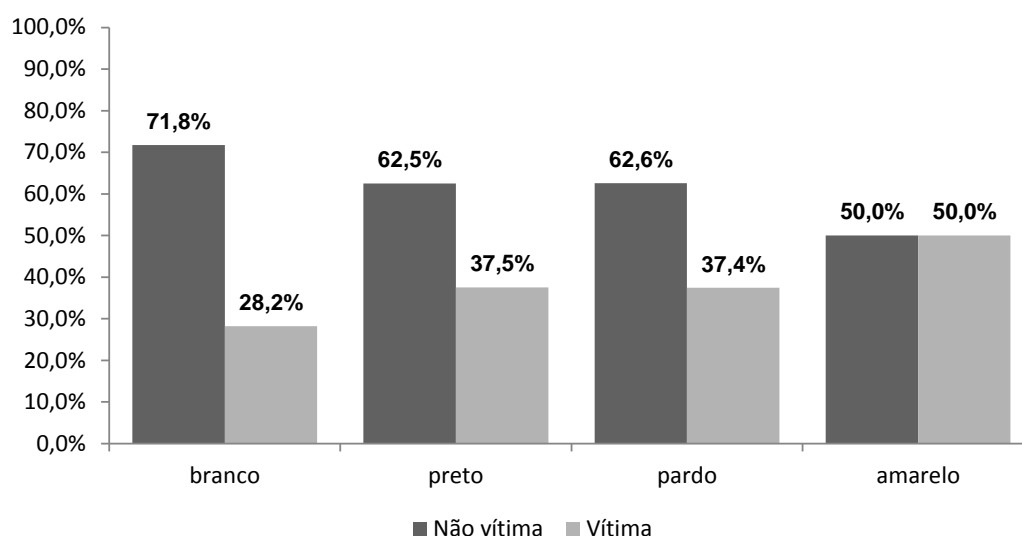


Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

A proporção de vítimas de crimes entre os entrevistados que se declara preto e pardo é maior do que entre aquela que se declara branco¹. A tabela seguinte mostra que, entre os brancos, 28,2% afirmaram terem sido vítimas dos crimes como furto, roubo e/ou agressão, pelo menos uma vez nos últimos cinco anos, percentuais correspondentes a 37,5% entre os negros e 37,4% entre os pardos. É comum nos estudos sociológicos dicotomizar a variável raça/cor em brancos (brancos e amarelos) e não brancos (pretos, pardos e indígenas). Se assim procedermos, iremos perceber que o percentual da amostra de entrevistados não brancos correspondem a 63,9% da população entrevistada. Nesse sentido, os não-brancos são mais vitimados (69,8%) que os brancos (30,2%).

¹ A categoria “Amarelos” possui apenas 2 entrevistados que se auto declararam nesta cor/raça. Devido ao número de casos muito pequeno, esta categoria não foi considerada na análise.

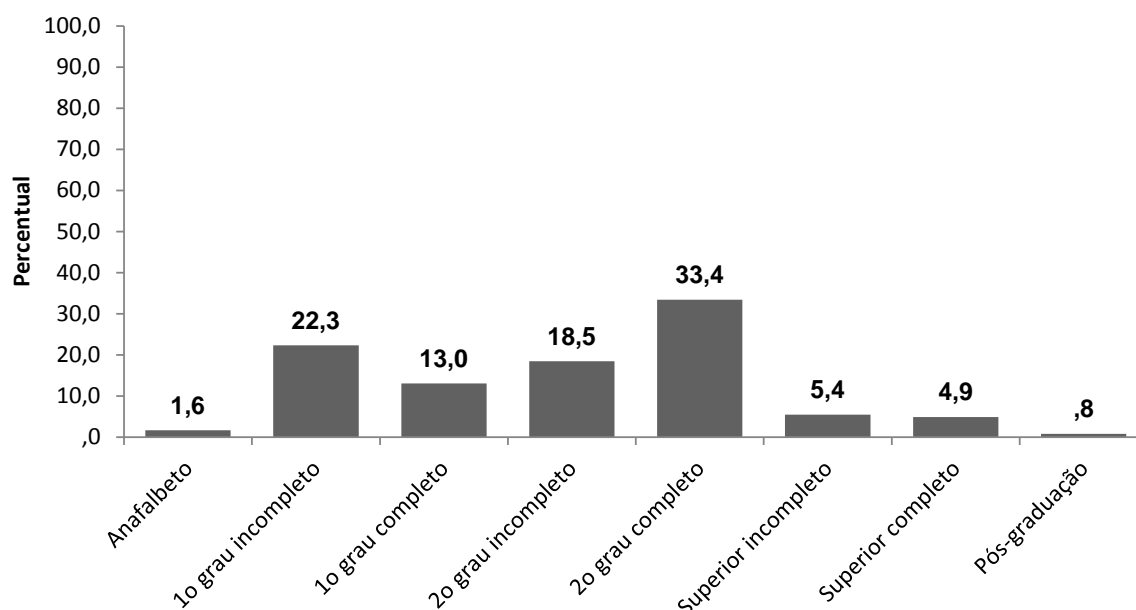
Gráfico 08 – Distribuição dos Entrevistados por Raça/Cor, Segundo Vítimas e Não Vítimas de Crimes de Crimes (Furto, Roubo e Agressão) nos últimos 5 anos – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

A população entrevistada em Contagem se concentra, no que diz respeito ao nível educacional, na faixa que compreende do ensino fundamental completo ao ensino médio. Ainda, 33,4% afirmaram ter concluído até o 3º ano do ensino médio. Por último, apenas 4,9% afirmaram ter concluído algum curso de nível superior.

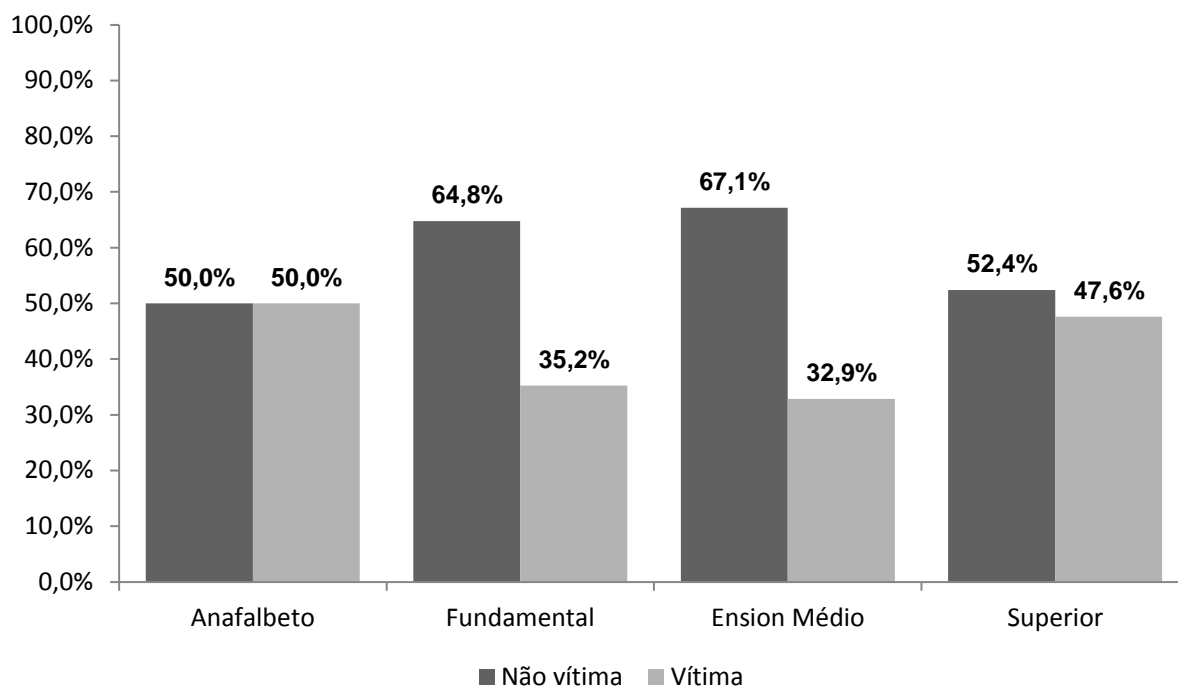
Gráfico 09 – Distribuição dos Entrevistados por Escolaridade – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Quando cruzamos escolaridade do entrevistado com o fato de ele ter sido ou não vítima, nos últimos 5 anos, dos crimes aqui considerados, observamos que os mais vitimados possuem ensino superior (47,6%)². Em contrapartida, os entrevistados que declararam ter concluído o ensino médio são os menos vitimados (32,9%), seguidos pelos que afirmaram possuir o ensino fundamental (35,2%).

Gráfico 10 – Distribuição dos Entrevistados por Escolaridade, Segundo Vítimas e Não Vítimas de Crimes de Crimes (Furto, Roubo e Agressão) nos últimos 5 anos – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Pouco mais da metade da população entrevistada, no município de Contagem, possui alguma atividade remunerada. Empreendendo uma análise mais acurada, relacionando o fato de possuir atividade de trabalho remunerada com a situação de o entrevistado ter sido vítima ou não de crime, observamos que dentre aqueles que afirmaram exercer alguma atividade remunerada, 35,1% reportaram ter sido vítima de crime. A tabela e gráfico a seguir apresentam esses dados.

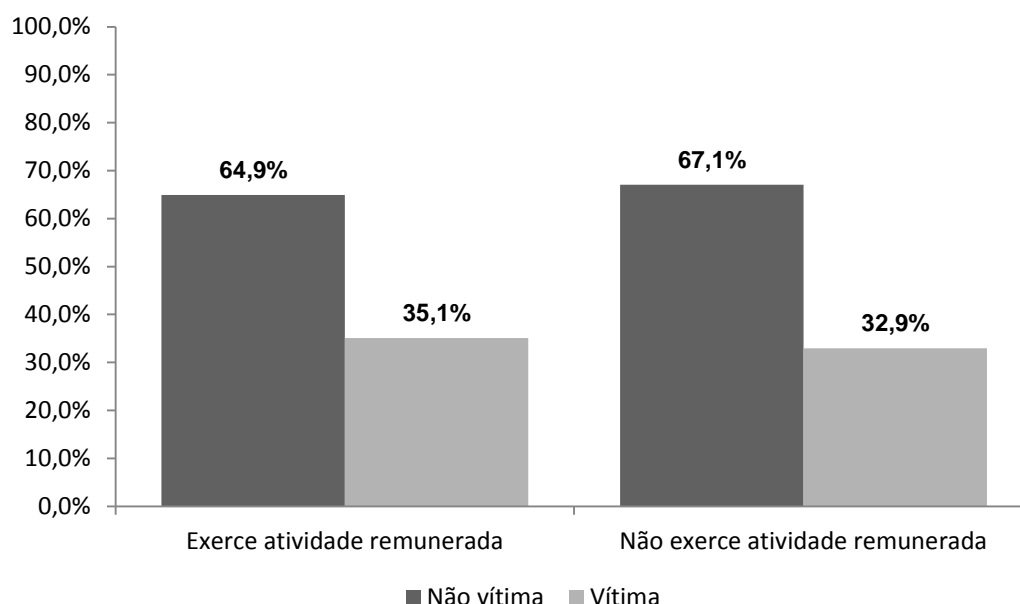
² A categoria “Analfabeto” possui apenas 6 entrevistados que declararam nunca terem frequentado a escola. Devido ao número de casos muito pequeno, esta categoria não foi considerada na análise.

Tabela 01 – Distribuição dos Entrevistados por Exercício de Atividade Remunerada – Contagem, 2010

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
	Sim	194	52,7	52,9	52,9
	Não	173	47,0	47,1	100,0
	Total	367	99,7	100,0	
Não válidos	NR	1	,3		
	Total	368	100,0		

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

Gráfico 11 – Distribuição dos Entrevistados por Exercício de Atividade Remunerada, Segundo Vítimas e Não Vítimas de Crimes de Crimes (Furto, Roubo e Agressão) nos últimos 5 anos – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

A tabela a seguir aponta a distribuição da renda familiar total dos entrevistados, onde observamos o seguinte: 11,6% da amostra possui renda de até 01 salário mínimo, a grande maioria dos entrevistados, 45,4%, afirmou possuir renda entre 01 e 02 salários mínimos. Cabe destacar que apenas 1,7% dos respondentes afirmaram que a renda familiar do seu domicílio é superior a 07 salários. De uma forma geral, observamos que uma grande parte dos entrevistados possui uma renda que vai de até 01 a 04 salários mínimos.

Tabela 02 – Distribuição dos Entrevistados por Renda Familiar – Contagem, 2010

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
	até 1 salário mínimo	40	10,9	11,6	11,6
	mais de 1 até 2 salários	157	42,7	45,4	56,9
	mais de 2 até 4 salários	108	29,3	31,2	88,2
	mais de 4 até 7 salários	35	9,5	10,1	98,3
	mais de 7 até 11 salários	6	1,6	1,7	100,0
	Total	346	94,0	100,0	
Não válidos	Ns	20	5,4		
	NR	2	,5		
	Total	22	6,0		
	Total	368	100,0		

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

V – A Medida do Medo em Contagem

Este tópico apresenta um indicador geral da sensação de medo da população de Contagem. Esse indicador tem o objetivo de funcionar como um termômetro da sensação de insegurança no contexto municipal. Vale destacar que nesta pesquisa entendemos a sensação de medo como uma medida subjetiva, trata-se da percepção do indivíduo acerca do seu medo de vir a ser vitimado por um conjunto de crimes específicos.

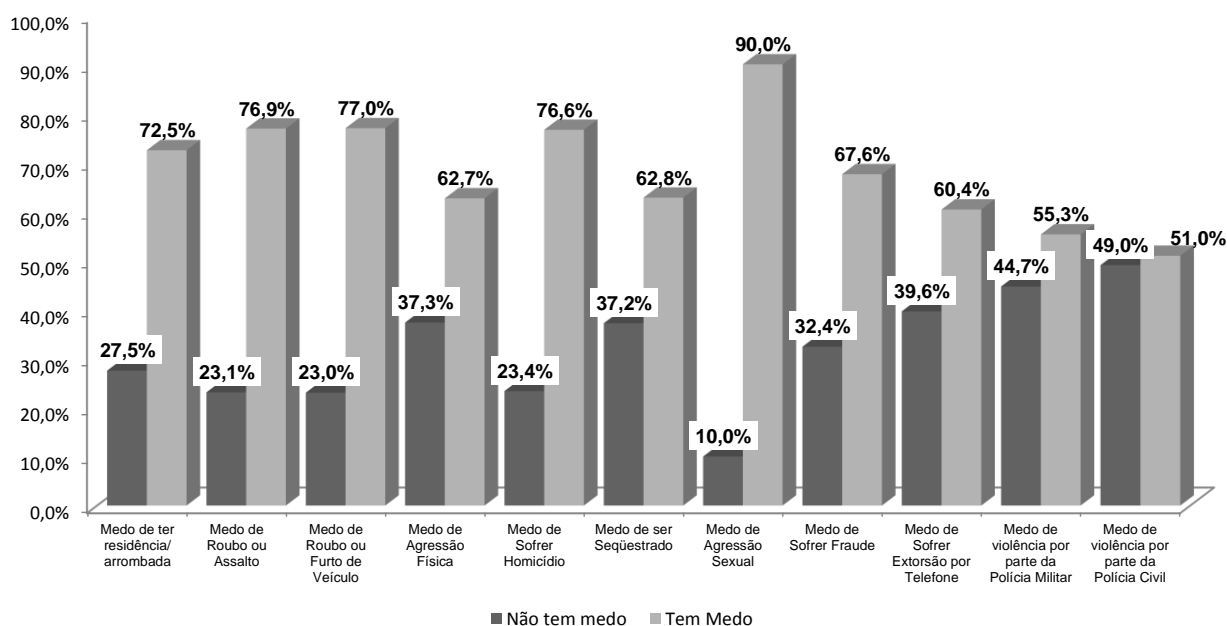
A medida mais comum do “medo” é a percepção de insegurança geral na residência, na rua ou na vizinhança, sendo predominante em estudos que investigam fatores que influenciam a percepção de medo (BAUMER, 1985; SKOGAN & MAXFIELD, 1981). Em alguns estudos, faz-se necessária a diferenciação entre medo e percepção do risco, pois existem fatores (como aqueles que avaliam as condições da vizinhança) que estão mais relacionados com a percepção de risco do que com medo do crime. O mesmo ocorre quando se analisa os fatores que influenciam o medo para crimes distintos (WARR & STAFFORD, 1983; WARR, 1984; ROUNTREE & LAND, 1996; ROUNTREE, 1998; CAMINHAS, 2010).

Nesta seção do relatório, tal distinção não se faz necessária uma vez que a análise se limita a produzir um indicador geral do medo do crime. Analisaremos o “medo do crime” de uma maneira geral, buscando examinar os elementos que podem influenciar esta percepção tanto no nível individual quanto no nível de vizinhança. As percepções subjetivas de crime são fenômenos sociais importantes uma vez que podem ter conseqüências nocivas tanto para os indivíduos quanto para a comunidade onde residem (SKOGAN, 1986; SKOGAN & MAXFIELD, 1981; WARR, 1984). Quanto mais medo de crime, mais os indivíduos podem deixar de sair de suas casas em determinados horários ou circunstâncias, e este fator pode conduzi-los a evitar lugares públicos como praças, ruas, parques, etc. O medo do crime pode também fazer com que os indivíduos procurem morar em condomínios particulares ou construam verdadeiras fortalezas contra possíveis ofensores (CALDEIRA, 2000). Em geral, quanto maior a percepção de insegurança e, conseqüentemente, de medo, mais os indivíduos se tornam reclusos, o que pode gerar prejuízos para a comunidade (sua vizinhança), como, por exemplo, a mudança de comércio e pessoas para outras localidades consideradas mais seguras. Neste sentido, buscamos construir um indicador geral de medo, que levasse em consideração percepções de insegurança tanto no nível individual quanto no nível coletivo.

Indicador Geral de “Medo”

O gráfico abaixo apresenta o percentual de respondentes que afirmaram sentir medo de se tornarem vítima dos vários tipos de crimes/eventos avaliados. No município de Contagem o medo de se tornar vítima de alguns tipos de crimes tem um destaque muito expressivo entre os residentes. O medo de ter residência/ arrombada, de ser roubado, de ter o veículo furtado, de sofrer um estelionato, ou de ser extorquido por telefone preocupam muito a população da cidade.

Gráfico 12 – Distribuição dos Entrevistados segundo Medo de Crime – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Para construir o indicador geral de crime utilizamos a sensação de medo de oito tipos de crimes/eventos específicos, a saber: ter medo de ter a residência invadida / arrombada (MEDO1); medo de ter objetos pessoais de valor tomados a força por outras pessoas – roubo ou assalto (MEDO2); medo de ter seu carro ou moto roubado ou furtado (MEDO3); medo de se envolver em brigas / agressões físicas com outras pessoas (MEDO4); medo de morrer assassinado (MEDO5); medo de seqüestro ou seqüestro relâmpago (MEDO6); medo de ser vítima de fraude e perder quantia significativa de dinheiro (MEDO7); medo de receber uma ligação de bandidos exigindo dinheiro (MEDO8).

A partir dessas medidas foi criado um indicador geral de medo, que foi construído da seguinte maneira. Num primeiro momento, foi elaborada uma medida ordinal de medo que correspondente ao resultado da soma de todas as medidas de medo específico de crime. Essa medida agrupa os oito tipos de crimes especificados anteriormente em uma única variável que denominamos de “Fator Ordinal de Medo”. Esse fator corresponde a uma escala de nove pontos, variando de 0 a 8. O valor 0 representa aqueles respondentes que afirmaram não ter medo de nenhum dos crimes em análise, por conseguinte o valor 2 representa àqueles que afirmaram ter medo de dois tipos de crime e assim por diante até o valor 8 que configura os respondentes que afirmaram ter medo de todos os crimes em análise. As medidas que compõem esse fator ordinal de medo apresentaram no teste de confiabilidade um coeficiente de *Alpha Cronbach* superior a 0,620.

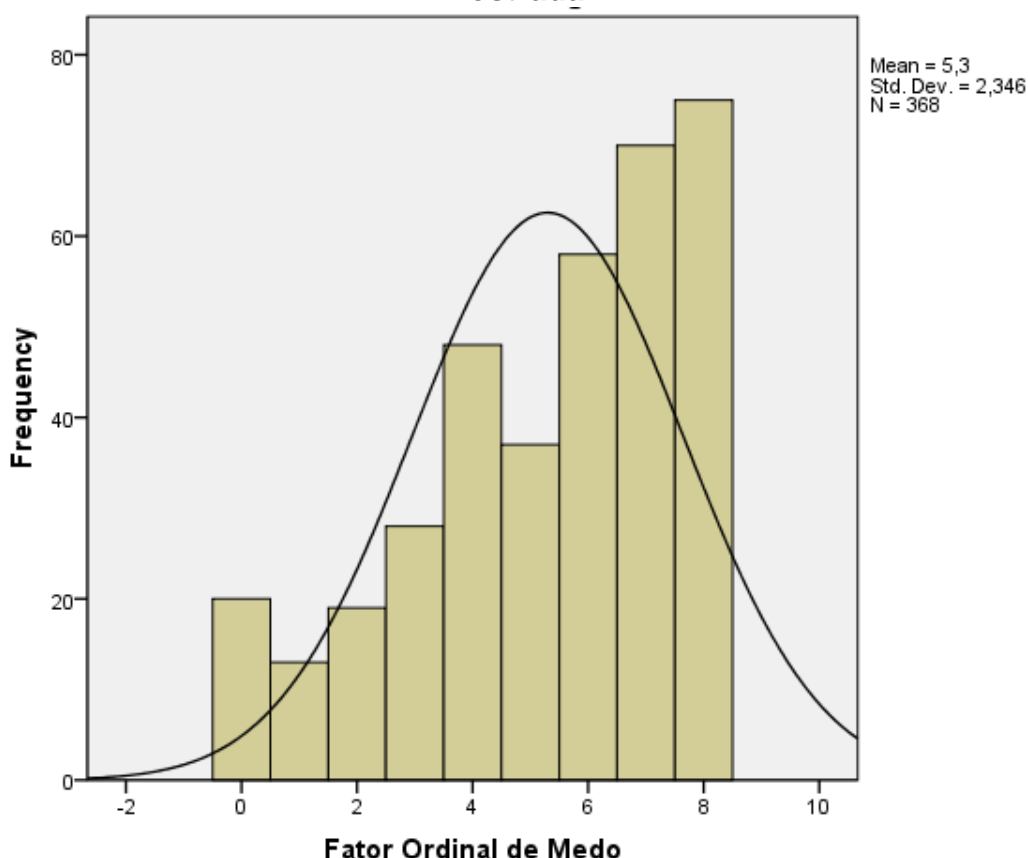
A tabela a seguir apresenta um sumário descritivo de cada uma dessas medidas. Já o gráfico seguinte, apresenta a distribuição do “Fator Ordinal de Medo” na amostra de mineiro selecionada na pesquisa.

Tabela 03 - Estatísticas Descritivas das Medidas que compõem o “Fator Ordinal de Medo”

Medidas de Medo	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Medo de Crime				
Medo de ter residência/ arrombada	0,72	0,447	0	1
Medo de Roubo ou Assalto	0,77	0,422	0	1
Medo de Roubo ou Furto de Veículo	0,77	0,422	0	1
Medo de Agressão Física	0,63	0,484	0	1
Medo de Sofrer Homicídio	0,77	0,424	0	1
Medo de ser Seqüestrado	0,63	0,484	0	1
Medo de Sofrer Fraude	0,68	0,469	0	1
Medo de Sofrer Extorsão por Telefone	0,60	0,490	0	1
Fator Ordinal de Medo				
Medo Geral de Crime	5,30	2,346	0	8

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

Gráfico 13 - Distribuição percentual do “Fator Ordinal de Medo” na População Amostrada

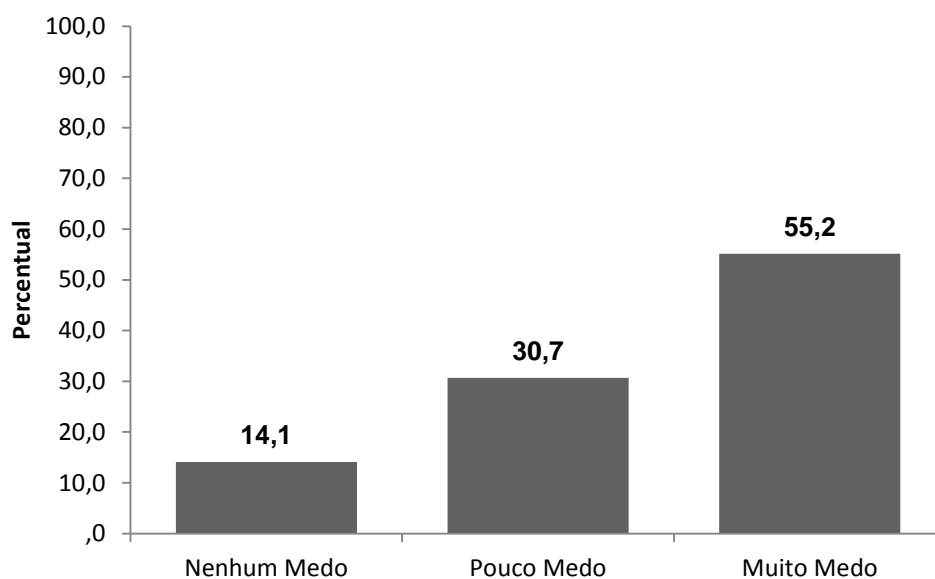


Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

A medida final correspondente ao “Indicador Geral de Medo” é o resultado da recodificação do fator ordinal de medo em três grandes categorias: “Nenhum/pouco medo”, “Medo moderado” e “Muito medo”. A Categoria “nenhum/pouco” medo é composta pelo agrupamento dos valores de 0 a 2, isto é, corresponde àqueles entrevistados que afirmaram não ter medo de crimes ou que afirmaram ter medo de 1 ou 2 tipos de crime. Essa categoria corresponde a 14,1% de toda a população amostrada na pesquisa. A segunda categoria diz respeito àqueles respondentes que afirmaram ter medo de 3 a 5 tipos de crimes, esses indivíduos foram classificados entre os que possuem um “medo moderado” de crime. Essa categoria do indicador geral de medo representa 30,7% de toda a população mineira selecionada nesta pesquisa. A terceira categoria desse indicador geral corresponde aos entrevistados que responderam possuir muito medo de crime, são aqueles que relataram ter medo de quase todos os crimes em análise (6 a 8 crimes). Essa parcela da população amostrada representa 55,2% de todos os entrevistados.

Para fins de aplicação do “Indicador Geral de Medo” enquanto instrumento útil para a formulação de políticas públicas, vamos tomar como referência a última categoria de análise dessa medida. Esse indicador tem como referência a parcela da população mineira que afirmou possuir muito medo de crime. Isto é, aqueles entrevistados que relataram ter medo de muitos tipos de crime ao mesmo tempo, em específico, medo de 6 a 8 tipos de crime. O gráfico a seguir apresenta a proporção do indicador geral de medo na população de Contagem.

Gráfico 14 - Distribuição Percentual das Categorias de Resposta do “Indicador Geral de Medo” na População Amostrada



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

VI – Padrões de Vitimização em Contagem

Esta seção do relatório apresenta a distribuição dos crimes de furto, roubo e agressão física para todo o município de Contagem. A importância de se traçar um perfil mais realístico das vítimas desses crimes é um relevante instrumento para planejamento de políticas públicas de segurança. É importante destacar que os indicadores de criminalidade produzidos por organismos oficiais que lidam com segurança pública tomam como referência o perfil do ofensor e os padrões característicos do crime. Pesquisas de vitimização buscam entender o fenômeno da criminalidade a partir da perspectiva da vítima e do ofensor superando o enfoque unilateral que as organizações oficiais de segurança pública apresentam.

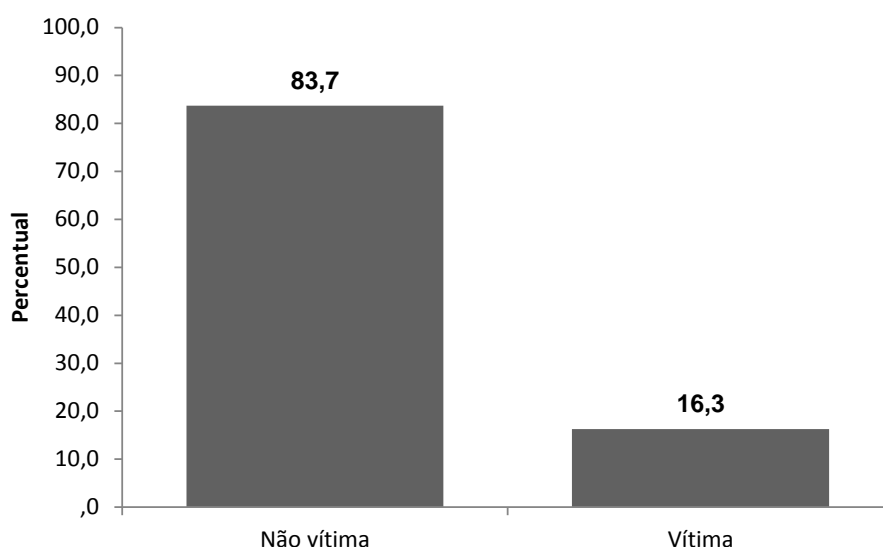
Assim, as informações que compõem as tabelas aqui mostradas foram construídas com o intuito de promover uma caracterização de alguns crimes tendo por base características das vítimas destes eventos. No corpo deste relatório apresentamos as proporções da população de Contagem que foram vitimadas de furto, invasão à residência, roubo e agressão física. A seguir enfocamos algumas circunstâncias em que estas vitimizações aconteceram, algumas atitudes tomadas pelas vítimas e as conseqüências destas atitudes. As descrições apresentadas nesta etapa do relatório seguem o mesmo padrão, tabelas de frequências enfocando cada um dos aspectos acima descritos em relação à cidade como um todo.

Vitimização de Furto em Contagem

As descrições seguintes dizem respeito à caracterização da população de Contagem quanto à sua proporção de vitimizações de furto, considerando toda a cidade. Além da proporção populacional de vítimas de furto, as tabelas e gráficos a seguir apresentam a periodicidade com que esse tipo de vitimização acontece na população urbana do município.

Contagem apresenta um percentual de vítimas de furto bastante elevado. Conforme o gráfico seguinte, cerca de 16% da população do município já foi vítima do crime de furto nos últimos cinco anos. Dentre os respondentes que foram vítimas de furto no município, aproximadamente 6% sofreram a vitimização no último ano, 2009.

Gráfico 15 – Distribuição dos Entrevistados por vitimas de crime de Furto nos 5 anos anteriores à realização da pesquisa – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Deste total de vítimas de furto nos últimos 5 anos, 35% das vítimas foram vítimas nos últimos 12 meses.

Tabela 04 – Distribuição da População Entrevistada por Vítimas do Crime de Furto nos Últimos 12 meses – Contagem, 2010

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Não vítima	39	65,0	65,0	65,0
Vítima	21	35,0	35,0	100,0
Total	60	100,0	100,0	

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Caracterização do Furto

Levando em consideração o local de acontecimento das vitimizações de furto em Contagem, a tabela seguinte traz os principais locais onde esse crime aconteceu segundo as vítimas. Considerando todo o município de Contagem, verifica-se que a maioria das vitimizações de furto ocorreu em espaços privados fechados, na residência dos entrevistados (33,3%) e na sua vizinhança (26,7%).

Apesar de a maioria das vítimas de furtos em Contagem ter sido vitimada em locais privados (residências) e na sua vizinhança, aproximadamente 40% dos crimes de furto reportados na pesquisa ocorreram em outros locais da cidade.

Tabela 05 – Distribuição da População Vítima de Furto por Local da Ocorrência – Contagem, 2010

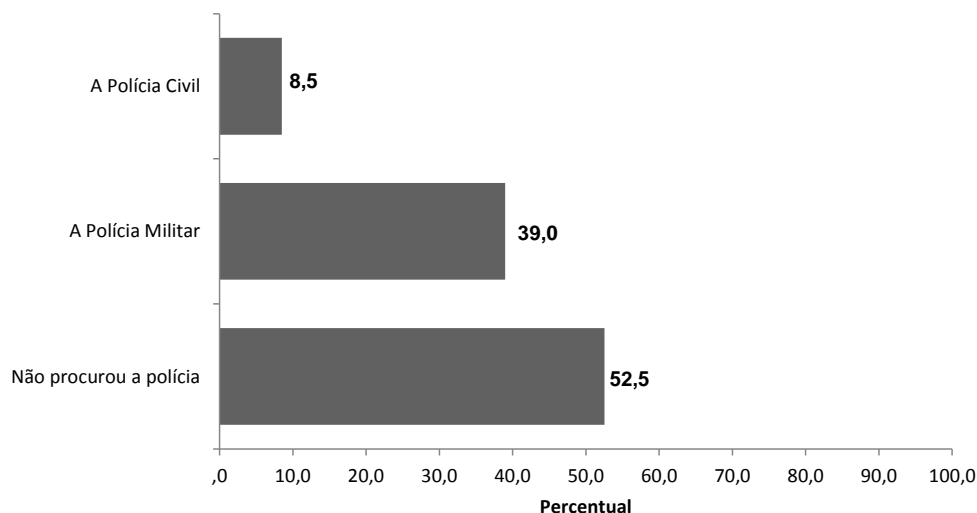
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Na sua casa	20	33,3	33,3	33,3
Na sua vizinhança ou nas proximidades da sua casa	16	26,7	26,7	60,0
Em outros locais da cidade	24	40,0	40,0	100,0
Total	60	100,0	100,0	

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

Com relação aos respondentes que afirmaram ter sido vítimas de furto, observa-se que pouco mais da metade deles não chamou a polícia (52,5%), já a proporção de entrevistados que de alguma forma acionou a Polícia Militar ou a Polícia Civil totaliza 47,5% dos casos. Dentre os que acionaram a polícia, há uma preferência em acionar a Polícia Militar (39,0%), contra apenas 8,5% que acionaram a Polícia Civil. Cabe destacar que o crime de furto apresenta um percentual muito alto de crimes registrados na Polícia

Civil. De uma maneira geral, a Polícia Militar é a agência de polícia mais procurada pela população, em função da própria natureza de seu trabalho: fardada e ostensiva.

Gráfico 16 – Distribuição dos Entrevistados segundo Acionamento da Polícia na Última Vitimização por Crime de Furto – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

A principal razão apontada pelas vítimas de furto para o acionamento da polícia é para recuperar os bens furtados (33,3%), ao passo que 11,9% afirmaram que o fazem por exigência da companhia de seguro ou alguma outra instituição. Além deles, 28,6% apontaram que a principal razão que os levaram a chamar a polícia é porque acreditam que denunciar é um dever do cidadão. Prender os ladrões é apontado por 11,9% dos respondentes como sendo a principal razão de se chamar a polícia nos casos de furto. Outras razões tiveram 7,1% de respondentes.

Tabela 06 – Distribuição dos Entrevistados Segundo Principal Motivo para Acionar a Polícia na Última Vitimização por Crime de Furto – Contagem, 2010

	Percentual	Percentual Acumulado
Para recuperar o(s) bem(ns) furtado(s)	33,3%	33,3%
Porque acredita que é um dever dos cidadão denunciar a prática de crimes.	28,6%	61,9%
Para prender os ladrões	11,9%	73,8%
Porque a companhia de seguros ou outras instituições exigiam; ou era necessário registrar o crime por causa de documentos, cartões bancários, cheques, etc e evitar complicações futuras.	11,9%	85,7%
Para obter proteção contra represálias e intimidações pelos autores do crime.	7,1%	92,9%
Porque conhece(m) alguém influente dentro ou fora da polícia que possa conseguir uma atenção especial dos policiais.	4,8%	97,6%
Porque o emprego de meios próprios ou de outras pessoas não foi suficiente para resolver a situação.	2,4%	100,0%
Total	100,0%	

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

Em relação aos que não chamaram a polícia nos casos de furto, 36,1% afirmam que o objeto era de pequeno valor, que não justificava acionar a polícia, e 27,8% não tinham informações que pudessem ajudar a polícia a solucionar o caso. Além deles, 11,1% disseram que tinha medo de sofrer represálias ou acreditavam que perderiam muito tempo esperando o atendimento policial.

Tabela 07 – Distribuição dos Entrevistados segundo Principal Motivo para Não Acionar a Polícia na Última Vitimização por Crime de Furto – Contagem, 2010

	Percentual	Percentual Acumulado
Não valia a pena registrar o furto porque o(s) objeto(s) era(m) de pequeno valor.	36,1%	36,1%
Porque não tinha(m) informação(ões) que pudesse(m) ajudar a polícia a apurar o fato.	27,8%	63,9%
Por medo de sofrer represálias, retaliações, ameaças, intimidações pelos autores do furto.	11,1%	75,0%
Acreditam que perderiam muito tempo esperando até serem atendidos pela polícia.	11,1%	86,1%
outros motivos	8,3%	94,4%
Você(s) não queria(m) nenhuma polícia envolvida porque não confia(m) nos policiais.	2,8%	97,2%
Não valia a pena registrar o furto porque os objetos furtados não estavam segurados.	2,8%	100,0%
Total	100,0%	

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

Vitimização de Roubo em Contagem

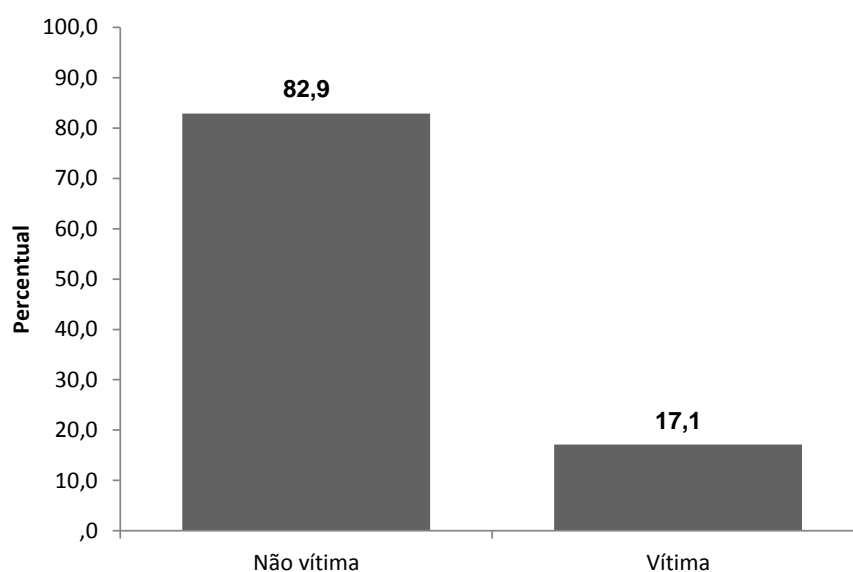
Como na seção anterior deste relatório, apresentamos nesta etapa a distribuição das vitimizações de roubo para todo o município de Contagem. A busca por um panorama mais real a respeito das ocorrências de roubo torna-se um importante instrumento para planejamento de políticas públicas de segurança. Tradicionalmente, os indicadores de criminalidade produzidos pelas agências oficiais de segurança pública tomam como enfoque o perfil do ofensor e do crime. Pesquisas de vitimização buscam entender o fenômeno da criminalidade a partir da perspectiva da vítima superando o enfoque unilateral que as organizações oficiais de segurança pública apresentam.

As informações que compõem as tabelas a seguir foram construídas com o intuito de promover uma caracterização do crime de roubo, tendo por enfoque características das vítimas desse crime e as circunstâncias em que ele aconteceu. Além da proporção da população de Contagem que foi vitimada de roubo, as tabelas seguintes apresentam

alguns aspectos que corroboraram o cometimento deste tipo de vitimização, a saber: onde aconteceu e quando aconteceu.

Contagem apresenta um percentual elevado de vítimas de roubo, se comparado ao crime de furto. Conforme o gráfico seguinte, quase de 17% da população do município já foi vítima do crime de roubo, nos últimos cinco anos. No município de Contagem como um todo é importante destacar que um número considerável (82,9%) dos respondentes que foram vitimados de roubo sofreu esta vitimização nos últimos 05 anos.

Gráfico 17 – Distribuição dos Entrevistados por vitimização por crime de Roubo nos 5 anos anteriores à realização da pesquisa – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Deste total de vítimas de furto nos últimos 5 anos, quase 35% das vítimas foram vitimas nos últimos 12 meses.

Tabela 08 – Distribuição dos Entrevistados Vítimas de Roubo nos Últimos 12 meses – Contagem, 2010

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Não vítima	41	65,1	65,1	65,1
Vítima	22	34,9	34,9	100,0
Total	63	100,0	100,0	

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

Caracterização do Roubo

A tabela seguinte traz a distribuição dos locais em que ocorreram as vitimizações de roubo em Contagem. Considerando todo o município, verifica-se que a maioria das vitimizações de roubo (44,3%) ocorreu fora das vizinhanças de moradia das vítimas; em locais menos familiares para estas pessoas. Por outro lado, cerca de 36% dos respondentes que foram vítimas de roubo afirmaram que sofreram esta vitimização em locais da sua região de residência. É importante observar também que 19% das ocorrências de roubo acontecem na própria residência das vítimas, ao longo de 2009.

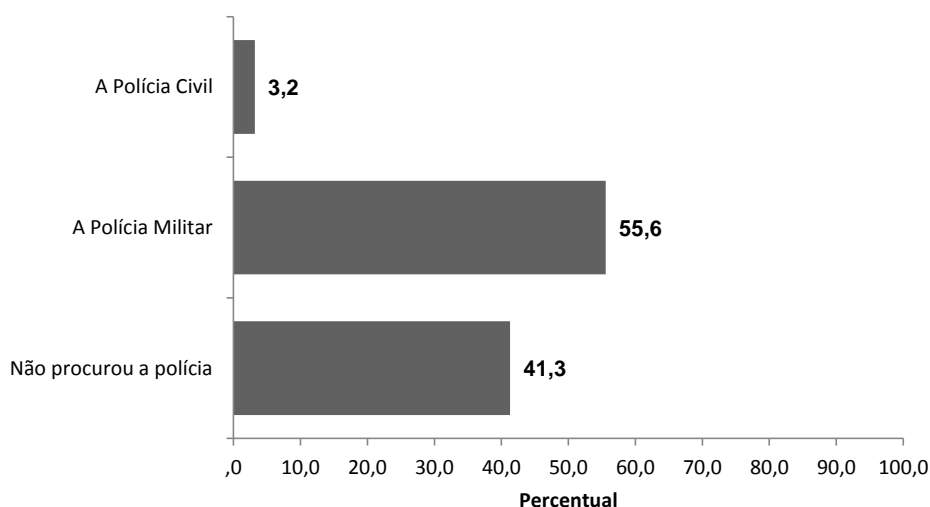
Tabela 09 – Distribuição dos Entrevistados Vítimas de Furto por Local da Ocorrência – Contagem, 2010

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Na sua casa	12	19,0	19,7	19,7
Na sua vizinhança ou nas proximidades da sua casa	22	34,9	36,1	55,7
Em outros locais da cidade	27	42,9	44,3	100,0
Total	61	96,8	100,0	
Não válidos NR	2	3,2		
Total	63	100,0		

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

No que diz respeito aos roubos, 58,8% dos vitimados disseram ter chamado a polícia, enquanto a outra parte (41,3%) preferiu não acioná-la. Dentre os entrevistados vítimas do crime de roubo que acionaram a polícia, a maioria afirmou ter reportado esse crime a polícia militar.

Gráfico 18 – Distribuição dos Entrevistados segundo Acionamento da Polícia na última Vitimização por Crime de Roubo – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Dentre os vitimados que chamaram a polícia, 34,5% apontaram que recuperar os bens roubados foi a principal motivação para o acionamento. Quase 25% disseram que o fizeram para prender os ladrões e o restante apontou outras motivações.

Tabela 10 – Distribuição dos Entrevistados segundo Principal Motivo para Acionar a Polícia na última Vitimização por Crime de Roubo – Contagem, 2010

	Percentual	Percentual Acumulado
Para recuperar o(s) bem(ns) roubado(s)	34,5%	34,5%
Para prender os assaltantes	24,1%	58,6%
Porque a companhia de seguros ou outras instituições exigiam; ou era necessário registrar o crime por causa de documentos, cartões bancários, cheques, etc e evitar complicações futuras.	20,7%	79,3%
Porque acredita que é um dever dos cidadãos denunciarem a prática de crimes.	15,5%	94,8%
Para obter proteção contra represálias e intimidações pelos autores do crime.	1,7%	96,6%
Porque conhece(m) alguém influente dentro ou fora da polícia que possa conseguir uma atenção especial dos policiais.	1,7%	98,3%
Porque o emprego de meios próprios ou de outras pessoas não foi suficiente para resolver a situação.	1,7%	100,0%
Total	100,0%	

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Dos vitimados que não acionaram a polícia nos casos de roubo, a maioria deles não o fez (41,9%) por acreditar que os objetos roubados eram de pequeno valor. O medo de represálias e intimidações foi citado por 22,6% e mais de 16% acreditavam que iriam perder muito tempo aguardando o atendimento policial.

Tabela 11 – Distribuição dos Entrevistados segundo Principal Motivo para Não Acionar a Polícia na Última Vitimização por Crime de Roubo – Contagem, 2010

	Percentual	Percentual Acumulado
Não valia a pena registrar o roubo porque o(s) objeto(s) era(m) de pequeno valor.	41,9%	41,9%
Por medo de sofrer represálias, retaliações, ameaças, intimidações pelos autores do roubo.	22,6%	64,5%
Acreditam que perderiam muito tempo esperando até serem atendidos pela polícia.	16,1%	80,6%
Porque não tinha(m) informação(ões) que pudesse(m) ajudar a polícia a apurar o fato.	9,7%	90,3%
outros motivos	6,5%	96,8%
Não valia a pena registrar o roubo porque os objetos roubados não estavam seguros.	3,2%	100,0%
Total	100,0%	

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

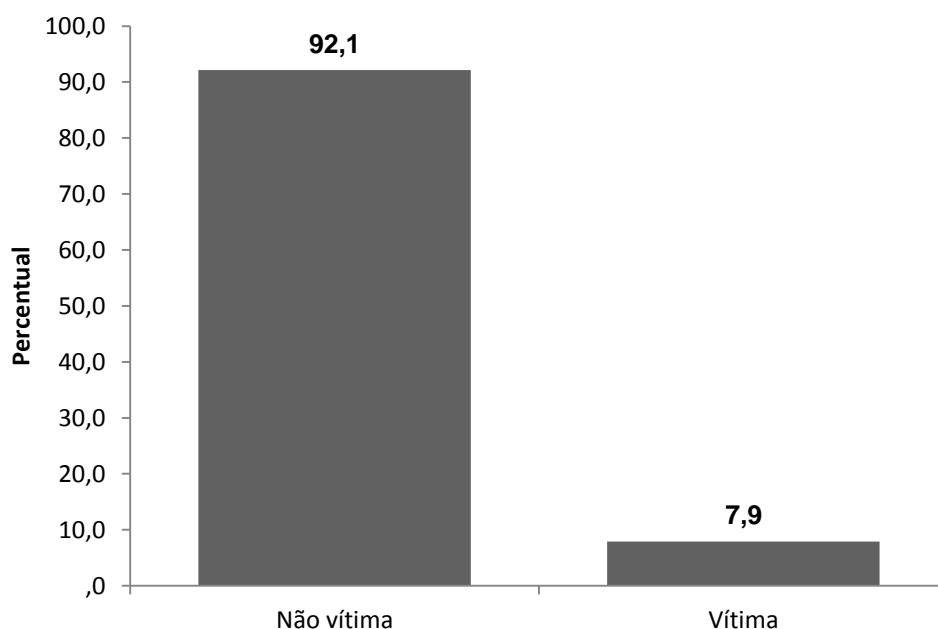
Vitimização de Agressão em Contagem

As tabelas e gráficos seguintes descrevem as principais características das vítimas do crime de agressão física em Contagem. As variáveis a seguir são sobre situações onde o respondente foi agredido fisicamente ou sofreu ameaça de agressão física, sem que fosse para lhe tomar alguma coisa ou por motivos sexuais. Esta parte específica do questionário é fundamental para a compreensão e mensuração da incidência de crimes contra a pessoa, o risco e exposição a esse tipo de violência e os fatores socioeconômicos e situacionais associados.

As diversas maneiras que as vítimas respondem à vitimização (agressão física ou ameaça) têm um impacto nas respostas das instituições de segurança pública do Estado e nos padrões de criminalidade. Portanto, faz-se necessário identificar o perfil de crimes reportados à polícia, o percentual de crimes não informados às agências públicas (polícia e saúde), e o percentual de vítimas que reagem de forma individualizada, mobilizando recursos privados que variam desde armas de fogo a mecanismos de proteção.

Contagem apresenta um percentual de vítimas de agressão física relativamente pequeno. Conforme o gráfico seguinte, mais de 7,9% da população do município já foi vítima de agressões físicas nos últimos cinco anos.

Gráfico 19 – Distribuição dos Entrevistados por Vitimização por Crime de Agressão Física nos 5 anos Anteriores à Realização da Pesquisa – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Deste total de vítimas de agressão nos últimos 5 anos, 41,4% dos respondentes foram vitimados nos últimos 12 meses.

Tabela 12 – Distribuição dos Entrevistados Vítimas de Agressão nos Últimos 12 meses – Contagem, 2010

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Não vítima	17	58,6	58,6	58,6
Vítima	12	41,4	41,4	100,0
Total	29	100,0	100,0	

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

Caracterização de Agressão Física

A tabela a seguir indica a distribuição dos locais de ocorrência das vitimizações de agressão física em Contagem. Considerando todo o município, verifica-se que a maioria das vitimizações de agressão física (63,2%) ocorreu fora das vizinhanças de moradia das vítimas; em locais não familiares para estas pessoas.

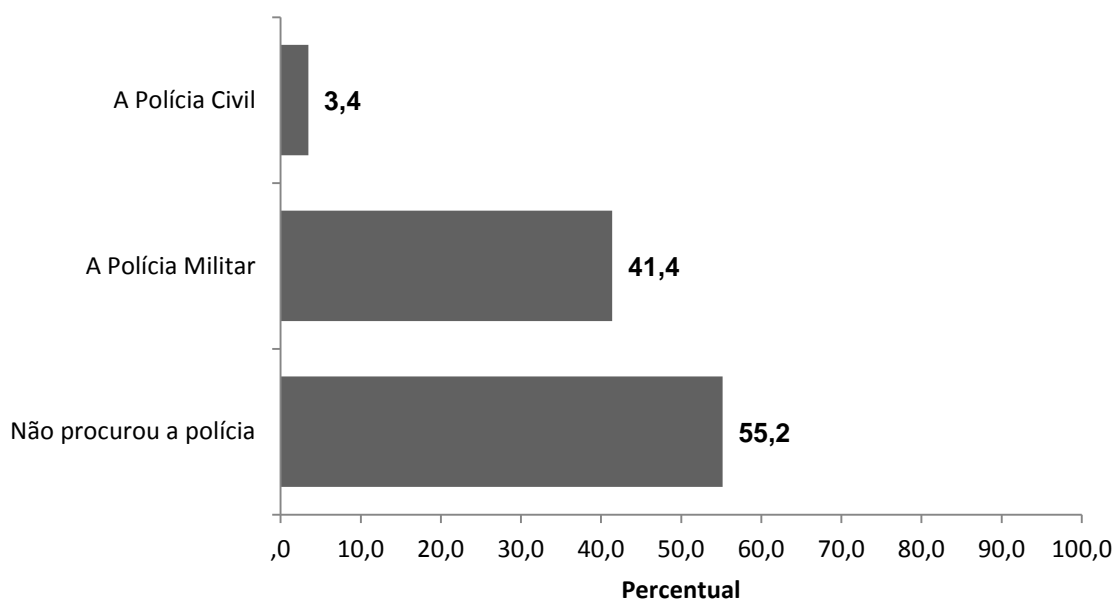
Tabela 13 – Distribuição dos Entrevistados Vítimas de Furto por Local da Ocorrência – Contagem, 2010

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Na sua casa	13	44,8	44,8	44,8
Na sua vizinhança ou nas proximidades da sua casa	9	31,0	31,0	75,9
Em outros locais da cidade	7	24,1	24,1	100,0
Total	29	100,0	100,0	

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

Ao contrário do padrão observado para as vitimizações de roubo, um crime violento contra o patrimônio, a maioria das agressões físicas em Contagem não ocorreu em locais próximos às residências das vítimas, apesar desses crimes violentos contra a pessoa terem ocorrido com mais frequência nos últimos 12 meses. Entre todos os crimes relatados, agressão física é o único em que a maioria dos vitimados não acionou a polícia (55,2% contra 44,8% dos que chamaram a polícia). Em todos os casos, a polícia mais acionada foi a Polícia Militar.

Gráfico 20 – Distribuição dos Entrevistados segundo Acionamento da Polícia na Última Vitimização por Crime de Agressão Física – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Dentre as motivações que levaram os vitimados a chamarem a polícia nos casos de agressão, a grande maioria deles (43,8%) apontou a proteção contra represálias e intimidações pelos agressores como principal razão.

Tabela 14 – Distribuição dos Entrevistados segundo Principal Motivo para Acionar a Polícia na Última Vitimização por Crime de Roubo – Contagem, 2010

	Percentual	Percentual Acumulado
Para obter proteção contra represálias e intimidações pelos autores da agressão.	43,8%	43,8%
Porque acredita que é um dever dos cidadãos denunciarem a prática da agressão.	25,0%	68,8%
Para recuperar o prejuízo causado	12,5%	81,3%
Para obter orientações e ajuda para resolver a situação.	12,5%	93,8%
Para prender os agressores.	6,3%	100,0%
Total	100,0%	

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

Já entre os que não acionaram a polícia, mais de 33% disseram que não era necessário fazê-lo. Cerca de 22% disseram que não queriam a polícia envolvida e mais de 16% por medo de represálias ou retaliações.

Tabela 15 – Distribuição dos Entrevistados segundo Principal Motivo para Não Acionar a Polícia na Última Vitimização por Crime de Roubo – Contagem, 2010

	Percentual	Percentual Acumulado
Não era necessário	33,3%	33,3%
Você(s) não queria(m) nenhuma polícia envolvida.	22,2%	55,6%
Por medo de sofrer represálias, retaliações, ameaças, intimidações pelos autores da agressão	16,7%	72,2%
Porque não tinha(m) informação(ões) que pudesse(m) ajudar a polícia a apurar a agressão.	11,1%	83,3%
Porque não ia adiantar procurar a polícia, já que é muito difícil a polícia atender esse caso.	11,1%	94,4%
Porque acredita que perderiam muito tempo esperando até ser atendido pela polícia.	5,6%	100,0%
Total	100,0%	

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

VII – Percepção de Segurança e Características da Vizinhança

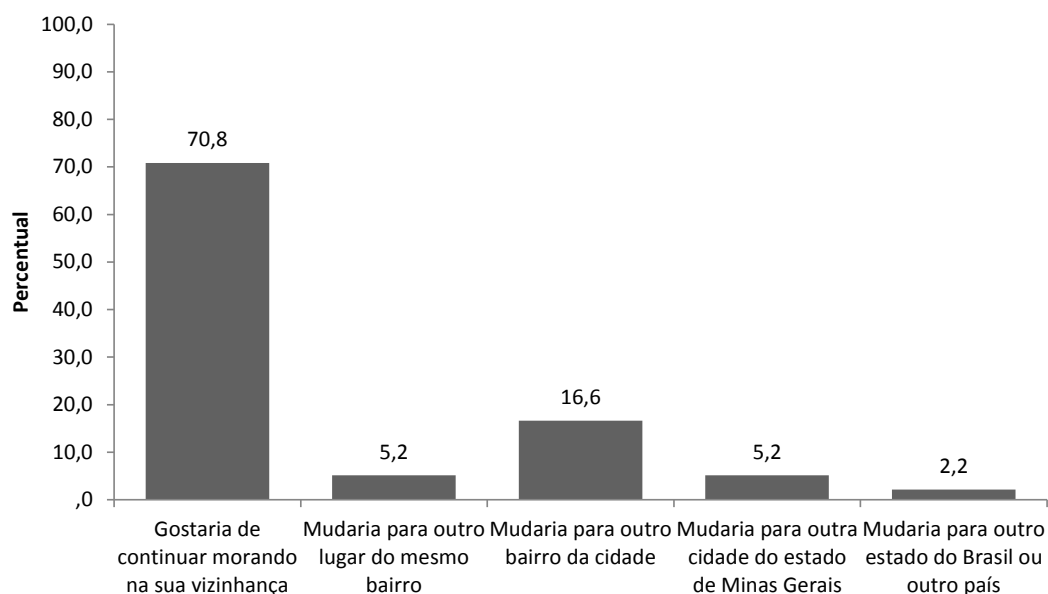
Percepção de Segurança na Vizinhança

A percepção de risco geralmente acontece quando o indivíduo está em um ambiente estranho e desorientador, longe de seu território, dos objetos e figuras conhecidas que lhe dão apoio. Em outras palavras, a percepção de risco é a tentativa de tornar incertezas em possibilidades, é um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que justifique o medo.

As questões a seguir apresentam diferentes situações clássicas para se medir percepção de risco, a saber: *“como você se sente ao andar sozinho durante o dia em sua vizinhança”* e *“como você se sente ao caminhar sozinho à noite em sua vizinhança”*. Além disso, serão apresentadas questões que envolvem percepções sobre a qualidade de vida destes moradores em relação ao seu local de moradia. Verificamos também se o sexo do entrevistado modifica esta sua percepção.

De acordo com a pesquisa realizada no município de Contagem, mais de 70% dos entrevistados disseram que gostaria de continuar morando em sua vizinhança, sendo que pouco mais de 5% disse que gostariam de mudar de cidade.

Gráfico 21 – Distribuição dos Entrevistados segundo Vontade de Continuar Residindo em sua Vizinhança – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

De acordo a tabela a seguir, observa-se uma variação significativa da percepção de risco entre caminhar sozinho pela vizinhança (do entrevistado) durante o dia e caminhar sozinho durante a noite. Enquanto 20,1% dos respondentes se sentem “muito seguros” durante o dia, à noite este percentual cai para apenas 7,9%. O mesmo ocorre entre os entrevistados que se sentem seguros: 48,9% se sentem seguros durante o dia, percentual que cai para apenas 18,9% durante a noite.

Se a percepção de risco varia em relação ao horário em que o entrevistado anda sozinho pelas ruas de sua vizinhança, a insegurança, por sua vez, não apresenta tanta variação em função da hora do dia. Percebemos que o percentual de entrevistados que se sentem pouco seguros durante o dia é de 21,7%, enquanto durante a noite esse percentual é de 21,6%. No entanto, a taxa de entrevistados que se sentem inseguros sobe de 9,2% durante o dia para 51,5% durante a noite.

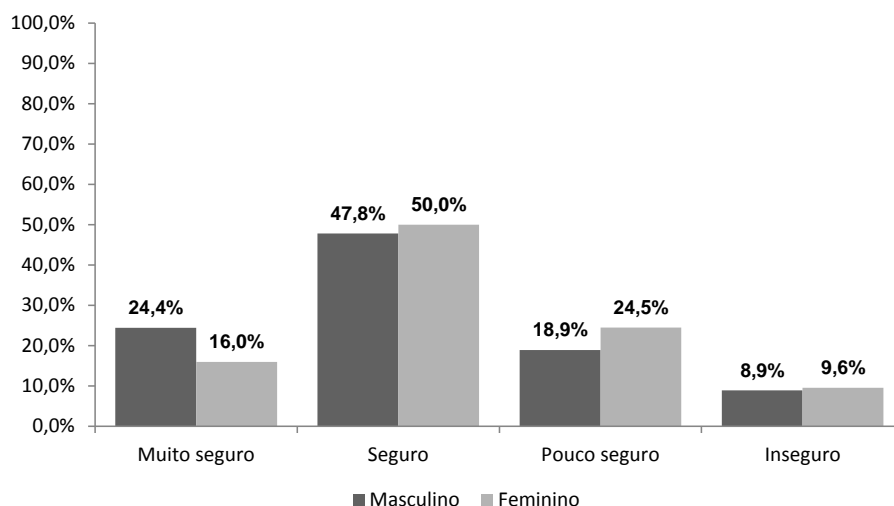
Tabela 16 - Distribuição dos Entrevistados por Percepção de Risco ao Caminhar Sozinho pela Vizinhança Durante o Dia e Durante a Noite

		Percepção de Risco na Vizinhança ao caminhar sozinho durante o dia		Percepção de Risco na Vizinhança ao caminhar sozinho durante a noite	
		Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Valid	muito seguro	74	20,1	29	7,9
	seguro	180	48,9	69	18,9
	pouco seguro	80	21,7	79	21,6
	inseguro	34	9,2	188	51,5
	Total	368	100,0	365	100,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

De uma forma geral, observamos que os entrevistados homens apresentam um alto percentual de “muito seguro” e “seguro” (24,4% e 47,8,8% respectivamente) em relação a andar sozinho em sua vizinhança durante o dia. Já dentro do grupo das mulheres entrevistadas, a maioria delas se concentra entre as categorias “segura” (50%) e “pouco segura” (24,5%).

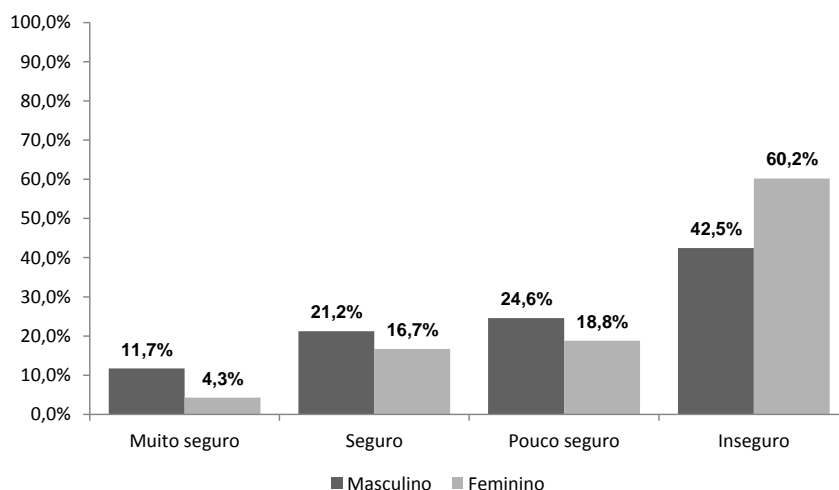
Gráfico 22 - Percepção de Risco na Vizinhança durante o Dia, por Gênero



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Quanto a caminhar a noite sozinho(a) na sua vizinhança, observamos que em ambos os casos, a maior concentração se situa entre os entrevistados que disseram se sentir inseguros, 42,5% dos homens e 60,2% mulheres. Entre os entrevistados que disseram sentir-se muito seguros ao caminhar sozinho a noite na vizinhança, 11,7% são homens, 4,3% são mulheres.

Gráfico23 - Percepção de Risco na Vizinhança durante a Noite, por Gênero



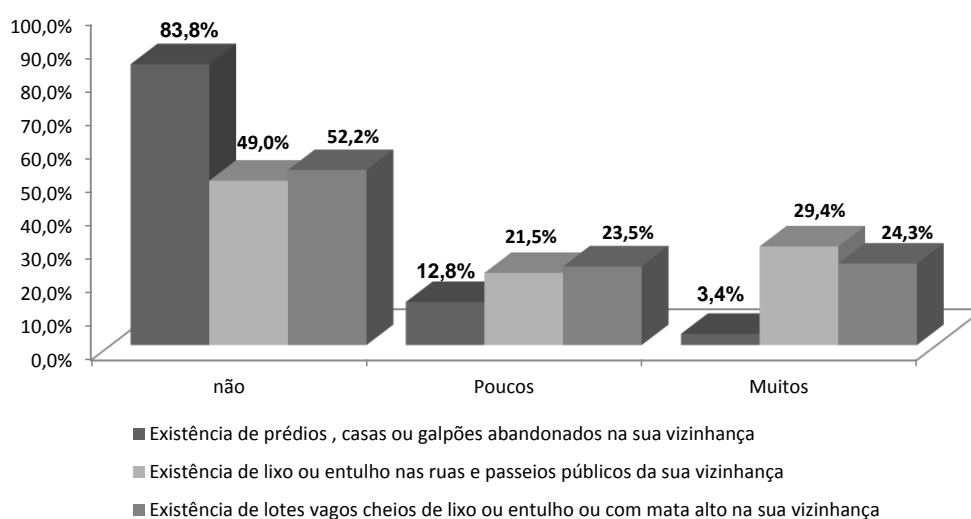
Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Características da Vizinhança

Alguns administradores públicos acreditam que a existência de espaços que apresentam desordem, abandono físico (existência de espaços abandonados na vizinhança, existência de lixo e entulho na vizinhança e existência de lotes vagos com lixo e entulho na vizinhança), ou social (presença de tráfico e consumo de drogas, prostituição, pessoas ofendendo outras, etc.) contribuem para o aumento do crime e, sobretudo, do medo nestes locais. Neste módulo, perguntou-se aos entrevistados se, em suas vizinhanças existiam ou não três determinados tipos de desordem física e social. Em caso de existência, se existia muito ou pouco e se eles já ouviram falar ou viram alguns destes tipos de desordem.

Conforme podemos observar no gráfico a seguir, a maioria dos entrevistados afirma que não existem prédios, casas ou galpões abandonados em sua vizinhança (83,8%). Já entre os que responderam que existe este tipo de indicador de desordem física, 12,8% disseram que existem relativamente poucos espaços nestas condições, enquanto 3,4% afirmaram que existem muitos espaços assim. Quanto à existência de lixo ou entulho na vizinhança, notamos que para a maioria dos entrevistados (49%) não existem espaços assim em seu bairro; para 21,5% existem poucos e para 29,4% existem muitos. Por fim, para 52,2% dos entrevistados não há lotes vagos com lixo e entulho na vizinhança, enquanto para 23,5% há muitos e para 24,3% há poucos espaços nesta situação.

Gráfico 24 - Distribuição dos Entrevistados por Percepção de Características Físicas na Vizinhança



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

A tabela a seguir indica se o entrevistado já viu ou ouviu falar sobre determinados tipos de desordem social em sua vizinhança. Como podemos observar, 26,9% “já viu” e 17,7% “já ouviu falar” sobre a presença de pessoas quebrando janelas, pichando muros ou fazendo arruaça. 36,4% “já viu” e 11,7% “já ouviu falar” sobre presença de pessoas ofendendo outras pessoas na vizinhança. 8,4% “já viu” casos de presença de prostituição na vizinhança e 3% “já ouviu falar”. 59,7% “já viu” pessoas consumindo drogas em locais públicos da vizinhança. 31,7% “já viu” pessoas vendendo drogas e 21,2% “já ouviu falar”. Já sobre a presença de criminosos circulando pela vizinhança, 30,8% “já viu” e 13,3% “já ouviu falar”.

Notamos, portanto, que os percentuais mais elevados de casos presenciados pelos entrevistados são os de consumo de drogas e pessoas ofendendo outras pessoas. Os menores percentuais são sobre presença de prostituição. Já os maiores percentuais de casos em que os entrevistados já ouviram falar dizem respeito a pessoas vendendo e/ou consumindo drogas em sua vizinhança; o menor percentual é sobre casos de prostituição.

Tabela 17 - Distribuição dos Entrevistados por Percepção de Desordem Social na Vizinhança

	Sim, já viu	Sim, já ouviu falar	Não
Existência de pessoas quebrando janelas, pichando muros ou fazendo arruaça	26,9%	17,7%	55,4%
Existência de pessoas xingando, ofendendo ou insultando outras pessoas	36,4%	11,7%	51,9%
Existência de pessoas se prostituindo em locais públicos	8,4%	3,0%	88,6%
Existência de pessoas consumindo drogas ilegais em locais públicos	59,7%	15,6%	24,7%
Existência de pessoas vendendo drogas ilegais	31,7%	21,2%	47,1%
Existência de criminosos ou bandidos circulando pela sua vizinhança	30,8%	13,3%	55,8%

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

VIII - Atuação das Polícias no município de Contagem

Avaliação sobre a Polícia Militar de Minas Gerais – PMMG

A avaliação da PMMG no município de Contagem apresenta um padrão bem interessante. Com relação ao grau de confiança na atuação da PMMG, 24,5% confiam muito, 36,4% confiam razoavelmente, 21,2% confiam pouco e 16,6% não confiam, conforme pode ser observado na tabela seguinte.

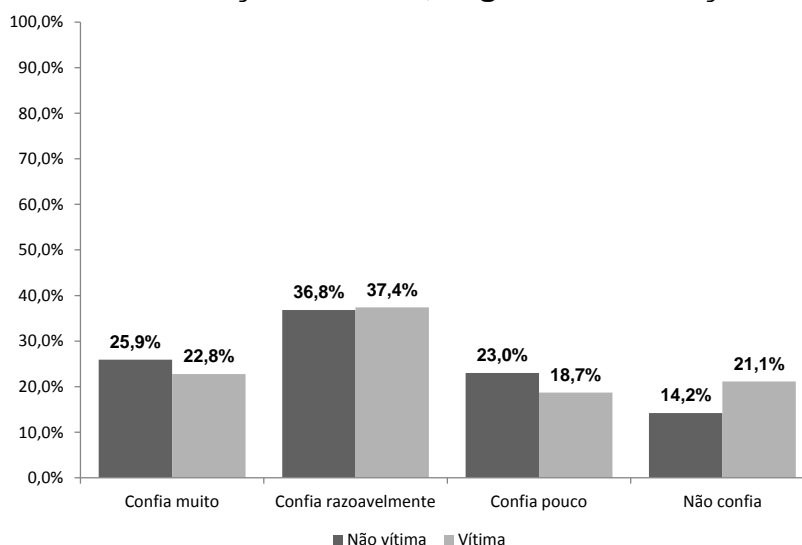
Tabela 18 – Grau de Confiança na PMMG – Contagem, 2010

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Confia muito	90	24,5	24,9	24,9
Confia razoavelmente	134	36,4	37,0	61,9
Confia pouco	78	21,2	21,5	83,4
Não confia	60	16,3	16,6	100,0
Total	362	98,4	100,0	
Total	368	100,0		

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010

Com relação ao grau de confiança na PMMG, segundo a condição do respondente de ter sido ou não vítima de algum crime, observa-se, na tabela e no gráfico seguintes, que dentre os não vitimados, 24,5% confia muito, 36,4% confiam razoavelmente, 21,2% confiam pouco e 16,3% não confiam. Dentre os vitimados, a situação é bastante semelhante, aproximadamente 22,8% confiam muito, 37,4% confiam razoavelmente, 18,7% confiam pouco e 21,1% não confiam. Ou seja, o perfil de confiança na Polícia Militar varia muito pouco entre vitimados e não vitimados.

Gráfico 25 – Grau de Confiança da PMMG, segundo vitimização – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Observando os dados relativos à opinião dos respondentes quanto ao grau de eficiência da PMMG na resolução dos problemas de violência da vizinhança, mais da metade dos habitantes de Contagem acha o desempenho da Polícia Militar “muito eficiente” ou “razoavelmente eficiente”.

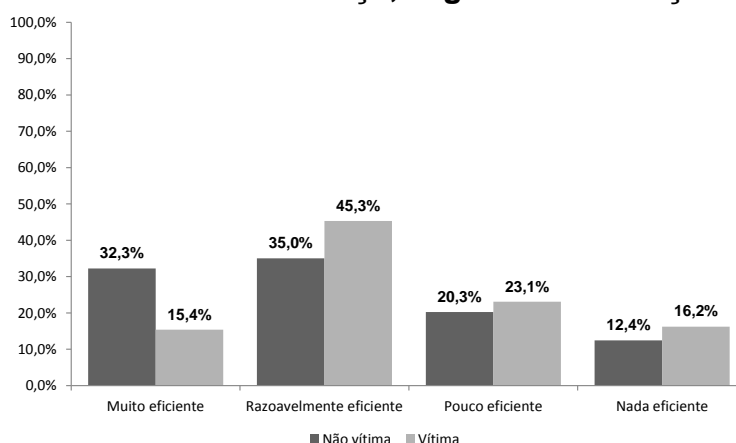
Tabela 18 –Opinião dos entrevistados sobre Grau de Eficiência da PMMG na Resolução de Problemas de Violência na Vizinhança – Contagem, 2010

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Muito eficiente	88	23,9	26,3	26,3
Razoavelmente eficiente	129	35,1	38,6	65,0
Pouco eficiente	71	19,3	21,3	86,2
Nada eficiente	46	12,5	13,8	100,0
Total	334	90,8	100,0	
Não NS	34	9,2		
Válidos				
Total	368	100,0		

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

A análise da opinião dos respondentes quanto ao grau de eficiência da PMMG na resolução de problemas de violência na vizinhança, segundo a condição de ter ou não sido vítima de crime é apresentada na tabela e no gráfico seguintes. Neles se observa que, entre os não vitimados, 32,3% consideram a PMMG muito eficiente, 35% razoavelmente eficiente, 20,3% pouco eficiente e 12,4% nada eficiente. Dentre os vitimados, 15,4% consideram a PMMG muito eficiente, 45,3% razoavelmente eficiente, 23,1% consideram-na pouco eficiente, e 16,2% nada eficiente. Existe, portanto, uma diferença expressiva na opinião sobre a PM entre os vitimados e os não vitimados.

Gráfico 26 – Opinião dos entrevistados sobre a Eficiência da PMMG na Resolução de Problemas de Violência na Vizinhança, segundo vitimização – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Vitimização Policial

Outro dado interessante da pesquisa reside no fato de 91,8% dos respondentes terem dito que não foram vítimas de violência física por parte da PM e não possuem outro morador de sua residência que sofreu tal agressão. Por outro lado, 7,3% afirmaram ter sofrido violência policial, conforme mostra a tabela seguinte.

Tabela 19 - Distribuição dos Entrevistados segundo Vitimização (pessoal ou de coabitantes) por Violência Física Praticada por Alguém PM

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
	sim	27	7,3	7,4	7,4
	não	338	91,8	92,6	100,0
	Total	365	99,2	100,0	
Não válidos	NS	1	,3		
	NR	2	,5		
	Total	3	,8		
Total		368	100,0		

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Quanto ao fato de ter sido vítima de extorsão por parte da Polícia Militar ou ter outro morador de sua residência que sofreu tal crime, 98,1% da população do município de Contagem afirmou não ter sido vítima desse tipo de comportamento por parte dos policiais militares.

Tabela 20 - Distribuição dos Entrevistados segundo Vitimização (pessoal ou de coabitantes) de extorsão praticada por algum PM

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
	Sim	7	1,9	1,9	1,9
	Não	356	96,7	98,1	100,0
	Total	363	98,6	100,0	
Não válido	NS	3	,8		
	NR	2	,5		
	Total	5	1,4		
Total		368	100,0		

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Avaliação sobre a Polícia Civil de Minas Gerais – PCMG

A avaliação da PCMG no município de Contagem apresenta um padrão bem interessante. Com relação ao grau de confiança na atuação da PCMG, 20,9% dos entrevistados disseram que confiam muito, 34,5%, confiam razoavelmente, 19,3% confiam pouco e 17,1% não confiam, conforme pode ser observado na tabela seguinte.

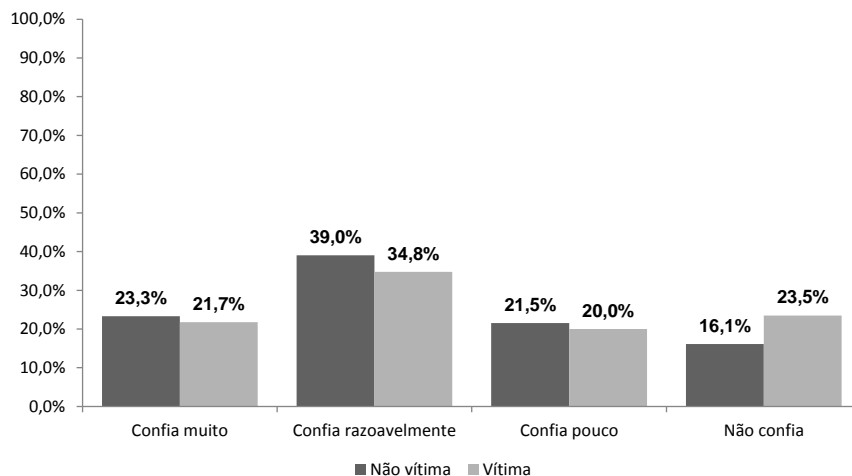
Tabela 21 –Grau de Confiança na Polícia Civil de Minas Gerais – Contagem, 2010.

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Confia muito	77	20,9	22,8	22,8
Confia razoavelmente	127	34,5	37,6	60,4
Confia pouco	71	19,3	21,0	81,4
Não confia	63	17,1	18,6	100,0
Total	338	91,8	100,0	
Não válido NS	30	8,2		
Total	368	100,0		

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Com relação ao grau de confiança na PCMG, segundo a condição do respondente ter sido ou não vítima de algum crime, observa-se na tabela e no gráfico seguintes que, entre os não vitimados, cerca de 23% confia muito, 39% confia razoavelmente, 21,5% confia pouco e 16,1% não confia. Dentre os vitimados, a situação é bem semelhante: 21,7% confiam muito, 34,8% confiam razoavelmente, 20% confiam pouco e 23,5% não confiam. No geral, o grau de confiança da população de Contagem na PCMG tende a se concentrar em avaliações positivas. Além disso, o perfil desta confiança se mostra bastante semelhante, independente do fato de ter sido vitimado ou não.

Gráfico 27 – Grau de Confiança na Polícia Civil de Minas Gerais, segundo vitimização – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Observando os dados relativos à opinião dos respondentes quanto ao grau de eficiência da PCMG na resolução dos problemas de violência da vizinhança, mais da metade (60,2%) dos habitantes de Contagem afirmaram achar muito eficiente ou razoável o desempenho da Polícia Civil, ao passo que apenas 17% dos respondentes a consideram nada eficiente.

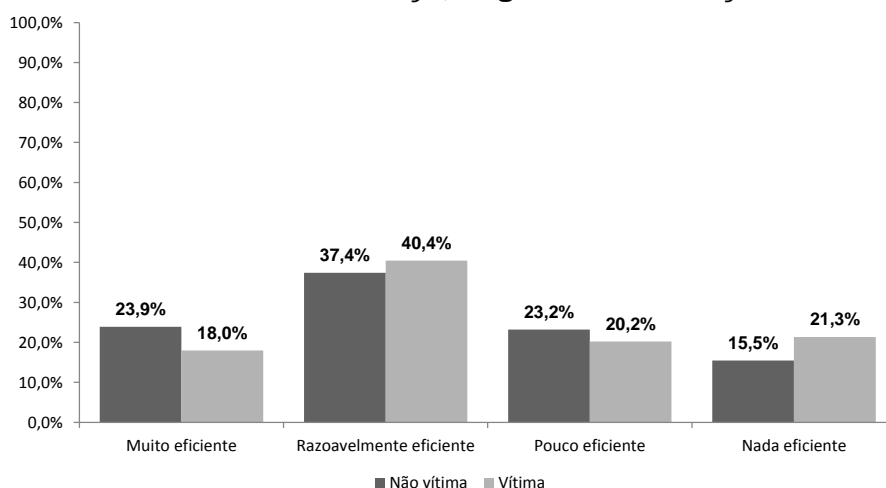
Tabela 22 – Opinião sobre Grau de Eficiência da Polícia Civil de Minas Gerais na Resolução de Problemas De Violência na Vizinhança – Contagem, 2010

	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Muito eficiente	53	14,4	21,7	21,7
Razoavelmente eficiente	94	25,5	38,5	60,2
Pouco eficiente	54	14,7	22,1	82,4
Nada eficiente	43	11,7	17,6	100,0
Total	244	66,3	100,0	
Não válido NS	124	33,7		
Total	368	100,0		

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

A análise da opinião dos respondentes quanto ao grau de eficiência da PCMG na resolução de problemas de violência na vizinhança, segundo a condição de ter ou não sido vítima de crime, é apresentada na tabela e no gráfico seguintes. Neles se observa que entre os entrevistados que afirmaram que não foram vitimados, 23,9% consideram a PCMG muito eficiente, 40,4% razoavelmente eficiente, 23,2% pouco eficiente e 15,5% nada eficiente. Entre os vitimados, 18,0% consideram a PC muito eficiente, 40,4% razoavelmente eficiente, 20,2% pouco eficiente e 21,3% nada eficiente. Novamente, observa-se pouca diferença entre a opinião de vitimados e não vitimados quanto à PC.

Gráfico 28 – Opinião sobre o Grau de Eficiência da Polícia Civil na Resolução de Problemas De Violência na Vizinhança, segundo vitimização – Contagem, 2010



Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Vitimização Policial

A imensa maioria dos entrevistados (96,7%) afirmou que não foi vítima de violência física por parte da PCMG. Por outro lado, 2,2% afirmaram ter sofrido violência policial, conforme mostra a tabela seguinte. À primeira vista, este percentual de vitimização policial pode ser considerado relativamente baixo. Entretanto, em virtude da gravidade deste tipo de violência, tal valor serve como um alerta a essa instituição, uma vez que representa desvios de conduta por parte desses agentes de segurança pública.

Tabela 23 - Distribuição dos Entrevistados segundo Vitimização (pessoal ou de coabitantes) de Violência Física Praticada por algum PC

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
	Sim	8	2,2	2,2	2,2
	Não	356	96,7	97,8	100,0
	Total	364	98,9	100,0	
Não válidos	NS	4	1,1		
Total		368	100,0		

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

Quanto ao fato de ter sido vítima de extorsão por parte da Polícia Civil, 98,4% dos entrevistados afirmou não ter sido vítima desse tipo de comportamento por parte dos policiais civis.

Tabela 24 - Distribuição dos Entrevistados segundo Vitimização (pessoal ou de coabitantes) de Extorsão Praticada por algum PC

		Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
	Sim	6	1,6	1,6	1,6
	Não	359	97,6	98,4	100,0
	Total	365	99,2	100,0	
Não válidos	NS	3	,8		
Total		368	100,0		

Fonte: Pesquisa de Vitimização e Medo, Contagem, CRISP, 2010
N=368 entrevistados

IX - Conclusão

O presente estudo apresentou um diagnóstico sobre os padrões de vitimização de diversos tipos de crimes contra pessoa e patrimônio, estabelecendo associações segundo as características socioeconômicas e ecológicas dos grupos sociais vitimados no município de Contagem. Além disso, trouxe elementos importantes para se compreender o fenômeno da sensação de insegurança e medo do crime, bem como outros fatores relacionados à comunicação do crime às autoridades, ampliando assim o campo de informações detalhadas sobre as consequências do crime para as vítimas.

De uma forma geral, dentre as principais características sócio-demográficas dos entrevistados pela pesquisa de vitimização em Contagem, observamos que há preponderância – ainda que pequena – dos indivíduos do sexo feminino. Entre os entrevistados observa-se uma concentração de entrevistas na faixa etária entre 15 e 34 anos de idade. A maior parte da população entrevistada se declarou como parda. No que diz respeito à situação civil, mais de 44% dos entrevistados se declararam solteiros. No que diz respeito ao nível educacional, a população entrevistada em Contagem se concentra na faixa que compreende do ensino fundamental ao ensino médio. Metade da população entrevistada possui alguma atividade remunerada. A renda familiar, entre os entrevistados, se concentra nas faixas que compreendem de 01 a 04 salários mínimos.

Nesta direção, a proporção de entrevistados vítimas da ocorrência de crimes como furto, roubo e agressão nos cinco anos que antecederam a pesquisa é muito semelhante entre homens e mulheres. Além disso, os percentuais de indivíduos vítimas destes crimes no período de referência decrescem conforme há um avanço nas faixas de idade consideradas. Assim, os números proporcionais de jovens e adultos vítimas de crimes são maiores do que aqueles relativos às pessoas idosas. Os percentuais de vítimas entre os solteiros são maiores do que aqueles encontrados entre os indivíduos casados. Finalmente, a proporção de vítimas de crimes entre os entrevistados que se declararam brancos é maior do que em qualquer outra categoria de raça / cor.

Outra questão importante revelada pela pesquisa diz respeito a questões subjetivas, relacionadas ao sentimento de medo do crime propriamente dito. Nesses termos, observamos que o medo de ter residência arrombada, de ser roubado, de ter o veículo furtado, de sofrer um homicídio, ou de sofrer uma fraude preocupam muito mais a população do município de Contagem.

Pensando na sensação de segurança na vizinhança, a pesquisa demonstrou que os entrevistados tendem a se sentirem mais inseguros ao caminhar pelas ruas próximas

às suas residências durante a noite do que durando o dia. Além disso, os homens tendem a se sentir mais seguros que as mulheres ao andar pela vizinhança, tanto no período diurno quanto no noturno. Neste sentido, verificamos que a maior parte dos respondentes reside em vizinhanças com pouca ou nenhuma presença de lotes vagos, ruas escuras, lixos nas ruas e outros tipos de sinais de desordem física. No que toca a presença de sinais de desordem social, observamos que os percentuais mais elevados de casos presenciados pelos entrevistados são os de consumo de drogas e pessoas ofendendo outras pessoas, e os menores percentuais são sobre presença de prostituição.

O presente estudo formulou um Indicador Geral de Medo em Contagem, construído através da soma de oito variáveis de sensação de medo de tipos de crimes/eventos específicos, a saber: 1) ter medo de ter a residência invadida / arrombada; 2) medo de ter objetos pessoais de valor tomados a força por outras pessoas – roubo ou assalto; 3) medo de ter seu carro ou moto roubado ou furtado; 4) medo de se envolver em brigas / agressões físicas com outras pessoas; 5) medo de morrer assassinado; 6) medo de seqüestro ou seqüestro relâmpago; 7) medo de ser vítima de fraude e perder quantia significativa de dinheiro; e 8) medo de receber uma ligação de bandidos exigindo dinheiro. A partir dessa ferramenta, é possível dizer que mais da metade da população entrevistada relatou sentir medo de mais de seis tipos de crimes listados.

Sobre a vitimização de crime de furto em Contagem, o estudo verificou que mais de 15% dos entrevistados já foram vítimas, sendo que 35% desses casos ocorreram nos últimos doze meses e em locais na residência ou na vizinhança dos respondentes. Pouco mais da metade do total de vítimas prestaram queixa à polícia e o principal motivo para a denuncia foi a expectativa que elas tinham de terem seus bens recuperados. Já a principal razão relatada pelos entrevistados para não reportar o crime às autoridades foi a idéia de que o objeto furtado era de pequeno valor, o que não justificava acionar a polícia.

O padrão de vitimização de crimes de furto se mostrou bastante semelhante aos de furto. Quando consideramos somente as ocorrências dos últimos doze meses, observamos que elas representam a mais 35% de todos os casos destes crimes. Ao contrário dos furtos, os crimes de roubo ocorrem em locais distantes da vizinhança do entrevistado. Quase 60% dos vitimados disseram ter chamado a polícia, enquanto a outra parte preferiu não acioná-la. Dentre os vitimados que chamaram a polícia, 34,5% apontaram que recuperar os bens roubados foi a principal motivação para o acionamento. Dos vitimados que não acionaram a polícia nos casos de roubo, a maioria deles não o fez (41,9%) por acreditar que os objetos roubados eram de pequeno valor. O medo de

represálias e intimidações foi citado por 22,6% e mais de 16% acreditavam que iriam perder muito tempo aguardando o atendimento policial.

O presente estudo focou também nas vítimas dos crimes de agressão física, ou seja, situações onde o respondente foi agredido fisicamente ou sofreu ameaça de agressão física, sem que fosse para lhe tomar alguma coisa ou por motivos sexuais. Neste sentido, notamos que 7,9% da população do município já foi vítima de agressões físicas nos últimos cinco anos. No entanto, ao contrário do padrão demonstrado para as vítimas de furto, a maioria das agressões físicas em Contagem não ocorreu em locais próximos às residências das vítimas, apesar desses crimes violentos contra a pessoa terem ocorrido com mais frequência nos últimos 12 meses (41%). Entre todos os crimes relatados, agressão física é o único em que a maioria dos vitimados não acionou as autoridades. O medo de represálias por parte dos agressores foi colocada como a principal razão que os levaram a chamar a polícia nos casos de agressão.

Por fim, embora avaliadas de forma separada, a percepção dos entrevistados sobre a Polícia Civil e a Polícia Militar apresentou um padrão bastante semelhante. Mais da metade do total de respondentes confia muito ou confia razoavelmente na atuação da PMMG e da PCMG, bem como as consideram eficientes na resolução dos problemas de violência da vizinhança. Por outro lado, o percentual de entrevistados que disse ter sofrido algum tipo de violência física (ou ter outro morador de sua residência que sofreu tal crime) cometida pelos militares é três vezes superior a proporção de respondentes que relataram terem sido vítimas desse crime cometido pelos policiais civis.

A proporção de entrevistados que afirma já ter sido extorquido (ou ter outro morador de sua residência que foi vítima de tal crime) por PMs e PCs é bastante semelhante, com os percentuais girando em torno de 2%. É importante destacar que, à primeira vista, esses percentuais de vitimização policial podem ser considerados relativamente baixos. Entretanto, em virtude da gravidade deste tipo de violência, tal valor serve como um alerta a estas instituições, já que podem contribuir para o enfraquecimento do grau de legitimidade e legalidade das duas corporações.

Conforme demonstrado ao longo desse relatório, este estudo traz contribuições importantes para compreender uma gama de fatores que envolvem o fenômeno da criminalidade e da segurança pública no município de Contagem. Espera-se que este instrumento garanta uma maior cientificidade no planejamento de políticas públicas, tornando viável o acesso a informações sobre a natureza e a extensão de crimes, bem como dos hábitos que levam as pessoas a reportarem crimes à polícia. Estas informações podem ser valiosas no planejamento de estratégias para o combate à criminalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMER, Terry L. Testing a general model of fear of crime: data from a national sample *Journal of Research in Crime and Delinquency*, no. 22, p.239-55, 1985.

BEATO FILHO, Claudio C. et. al. Pesquisa de Vitimização em Belo Horizonte. Projeto de Pesquisa (apresentado à Fundação de Apoio à Pesquisa de Minas Gerais - FAPEMIG). Belo Horizonte: Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública, 1999.

BEATO FILHO, Claudio C. Políticas Públicas de Segurança: Equidade, Eficiência e Accountability. In: MELO, M. A. (Org). Reforma do Estado e Mudança Institucional no Brasil. [s.n.t.], 1999.

CALDEIRA, Teresa. City of Walls: Crime Segregation and citizenship in Sao Paulo. University of California Press, 2000.

CAMINHAS, Diogo A. Medo do Crime: uma análise explanatória sobre suas causas em Minas Gerais-2009. 2010. 107 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CARNEIRO, Leandro P. Comunicação apresentada no Seminário: Estratégias de Intervenção Policial no Estado Contemporâneo. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência da USP, 1996.

KITSUSE, J. I.; CICOUREL, A. V. 1963. A Note on the Uses of Official Statistics. *Social Problems*, volume 11, p.131-139.

MIETHE, Terance D.; MEIER, Robert. Crime and Its Social Context: toward an integrated theory of offenders, victims, and situations. New York: State University New York Press. 1994. 209 p.

ROUNTREE, Pamela W. & LAND, Kenneth. Perceived risk versus fear of crime: empirical evidence of conceptually distinct reactions in survey data *Social Forces* n.74, p.1353-76, 1996.

ROUNTREE, Pamela W. A Reexamination of the Crime-Fear Linkage *Journal of Research in Crime and Delinquency* no. 35, 3, p.341-372, 1998.

SHAW, Clifford & MCKAY, Henry D. Juvenile Delinquency in Urban Areas ed(rev) Chicago, University of Chicago Press, 1969.

SKOGAN, Wesley G. & MAXFIELD, Michael G. Coping with crime: individual and neighborhood reactions. Beverly Hills, CA: Sage, 1981.

VILLARREAL, Andrés; SILVA, Bráulio F. A. Social cohesion, criminal victimization and perceived risk of crime in Brazilian neighborhoods. *Social Forces*, v. 84, n. 3, mar. 2006.

WARR, Mark & STAFFORD, Mark. Fear of victimization: a look at proximate causes. *Social Forces*. n.61, p.1033-43, 1983.

WARR, Mark. Fear of victimization: why are women and the elderly more afraid? *Social Science Quarterly*. n.65, p.681-702, 1984.